

UFF – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RIO DAS OSTRAS

THIAGO MARTINS BARROSO

A PSICOLOGIA E A ANÁLISE DO HOMEM NOS PRIMEIROS
ESCRITOS DE MICHEL FOUCAULT

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Psicologia

ORIENTADOR: Prof. Dr. Márcio Luiz Miotto

Rio das Ostras

2017

THIAGO MARTINS BARROSO

A PSICOLOGIA E A ANÁLISE DO HOMEM NOS PRIMEIROS
ESCRITOS DE MICHEL FOUCAULT

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Psicologia

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Márcio Luiz Miotto (orientador)

UFF – Universidade Federal Fluminense

Prof. Carlos Alberto Ribeiro Costa

UFF – Universidade Federal Fluminense

Prof. Pedro Cattapan

UFF – Universidade Federal Fluminense

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo ler e interpretar os primeiros escritos de Michel Foucault, *Doença Mental e Personalidade* (1954), *Introdução a Sonho e Existência* (1954), *A Psicologia de 1850 a 1950* (1957), *A Pesquisa Científica e a Psicologia* (1957) e parte de *História da Loucura* (1961), visando depreender deles um sentido de psicologia e da análise do homem. Tendo em vista que a psicologia é um campo composto por teorias diversas e, portanto, com visões distintas sobre o homem, esse percurso da obra de Foucault oferece uma perspectiva que possibilita diagnosticar as condições dessa dispersão e, no mínimo, um posicionamento ético mais rigoroso em psicologia.

Palavras-chave: Foucault, psicologia, análise do homem.

ABSTRACT

his research aimed to read and interpret the first writings of Michel Foucault, *Mental Illness and Personality* (1954), *Introduction to Dream and Existence* (1954), *Psychology from 1850 to 1950* (1957), *Scientific Research and Psychology* (1957)) and part of *History of Madness* (1961), aiming to understand them a sense of psychology and the analysis of man. Given that psychology is a field composed of diverse theories and therefore with different visions about man, this course of Foucault's work offers a perspective that makes it possible to diagnose the conditions of this dispersion and, at the very least, a more rigorous ethical position in psychology.

Key words: Foucault, psychology, analysis of man

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
DOENÇA MENTAL E PERSONALIDADE (1954).....	8
INTRODUÇÃO A SONHO E EXISTÊNCIA (1954).....	21
A DISPERSÃO DA PSICOLOGIA E A PERSPECTIVA TRÁGICA DA LOUCURA (1957 e 1961).....	31
CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

Introdução

O compromisso ético do psicólogo é, repetidas vezes, enfatizado em sua formação, já que sua ciência (portanto, sua epistemologia), de forma geral, não anda lá muito certa de si, se dispersando em inúmeras teorias, e o dogmatismo ou o ecletismo, que são duas faces dessa incerteza, assombram aqueles que se formam em psicologia (FIGUEIREDO, 1992; THÁ, 2002; CANGUILHEM, 1973.). Mas será que não devemos, pelo próprio compromisso ético, ou seja, por *aquilo se atua em nome da psicologia*, também *pensar na ciência psicológica*? Será que a prática e o que podemos saber sobre ela não devem caminhar juntos? E, aí, se levarmos às últimas consequências certa verdade da psicologia, *que estilo de verdade a anima*? E as práticas que ela tenta justificar, quais serão suas consequências? Muitas perguntas atordoam aquele que aspira à psicologia. E, talvez, cada teoria psicológica, quando faz seu debate rigoroso e radical, chegue, de fato, *à sua verdade* teórica e prática. Mas, ao mesmo tempo, a dispersão de seu campo não se vê em vias de se resolver.

Nosso interesse consiste em ver que Michel Foucault, o filósofo famoso pela “morte do homem”, a “biopolítica” e “o cuidado de si” (GROS, 2011) *nos oferece duas verdades desse tipo, como teoria e prática da psicologia*, em dois escritos publicados em 1954: *Doença Mental e Personalidade* e *Introdução a Sonho e Existência*. No primeiro, Foucault se fundamenta em uma perspectiva próxima do marxismo e da reflexologia de Pavlov. No segundo, ele está próximo da antropologia existencial de Binswanger e da ontologia de Heidegger. Mas que esses nomes não nos assustem! E adiantamos, em ambos os textos está contida *uma ideia de homem, o homem concreto, o homem mesmo*. Com essa ideia, inclusive, Foucault *justifica uma determinada prática psicológica*. Isso quer dizer que, pensando rigorosamente a psicologia a partir do que é o homem, Foucault tentava destiná-la epistemológica e eticamente. Quis a história que esses textos do autor fossem publicados no mesmo ano e sob insígnias tão diferentes, o que consideramos espantoso e o que, por isso mesmo, nos moveu a *tentar entender, sob a ótica dos primeiros escritos de Foucault, o que é a psicologia e como ela se faz a partir de uma análise do homem*.

No entanto, Foucault não parou por aí. Em 1957, ele publicou outros dois textos sobre a psicologia, *A Psicologia de 1850 a 1950* e *A Pesquisa Científica e a Psicologia*. O seu tom se revela muito mais crítico. Isso porque a dispersão das teorias psicológicas é mais considerada sem uma solução ou defesa, o final dos textos exortando a uma radicalização da

crítica do homem, através de sua história, e, nesse sentido, a busca de Foucault teria como destinação sua História da Loucura, publicado em 1961. Nesse ponto, há um salto, o qual apenas antevemos e que, por isso, não pudemos ainda tirar todas as consequências.

Por nós, preferimos ter ido direto ao assunto. De modo que os capítulos dessa monografia cumprem tal imperativo, como registro de nossa pesquisa, *uma leitura aproximada dos textos de Foucault*, mas não sem o nosso próprio recorte e, ao explicar com as nossas próprias palavras, não sem *uma interpretação*. Vimos um problema – o que concerne ao psicólogo, sua ciência e sua prática – e que, conforme a nossa formação em psicologia na Universidade Federal Fluminense, no Campus Universitário de Rio das Ostras, ainda é vigente. Portanto, Foucault teve perspectivas, que, nestas linhas, fizemos as nossas – e que, sem dúvida, transmutou o nosso sangue em algo diferente ao de Foucault, porque Brasil, Rio de Janeiro, Rio das Ostras, 2017. Mas o que disso verdadeiramente importa?!

No capítulo 1, trataremos de um dos textos de 1954, Doença Mental e Personalidade. No capítulo 2, o outro texto de 1954, Introdução a Sonho e Existência. Nesses dois capítulos, pretendemos fazer com Foucault um aprendizado de *como se faz um debate epistemológico em psicologia* – aquele que procura ler outras teorias psicológicas para afirmar os próprios fundamentos – sem fazer, no entanto, um debate epistemológico propriamente dito, pois não foi o nosso objetivo. No capítulo 3, falaremos da virada crítica à psicologia, que chegará ao seu ápice, quando se fará em nome do trágico e de um além do homem (ou da morte do homem). Na conclusão, tiraremos nosso resultado – *o que esses primeiros escritos de Foucault nos ensinam sobre a psicologia e a análise do homem e o que eles apresentam como tarefa, já que a dispersão da psicologia está na ordem do dia e seus debates fundamentais, nesse sentido, precisam ser feitos*.

Doença Mental e Personalidade (1954)

Primeiramente, *Doença Mental e Personalidade* (FOUCAULT, 1954). Nesse livro, o problema da psicopatologia (ou seja, o que é doença mental) é o que Foucault vai investigar. Nele, o autor faz um considerável trabalho crítico sobre a psicopatologia clássica¹ (como a evolucionista, a psicanalítica e a existencialista), adotando, consecutivamente, certa perspectiva marxista de conotações elogiosas à reflexologia de Pavlov. Vamos refazer, em linhas gerais, esses trabalhos negativos e positivos do texto, o que nos trará certa perspectiva da psicologia.

Um dos principais argumentos contidos no livro é a crítica à metapatologia, isto é, a recusa de que a psicologia pode operar sobre as doenças mentais da mesma forma que a medicina opera sobre as doenças orgânicas. Essa crítica é suscitada pelo debates sobre a origem da doença e sobre a discriminação do normal e do patológico. Afinal, a doença tem fundamento orgânico ou psíquico? Como definir a inserção do normal no patológico no domínio das doenças mentais? Problemas esses que são próprios da transposição do empreendimento da medicina orgânica para o domínio mental. Assim, Michel Foucault introduz seu livro:

“La patología mental se plantea dos problemas: en qué condiciones podemos hablar de enfermedad en el campo psicológico? Qué relaciones podemos establecer entre los hechos de la patología mental y los de la patología orgánica? Todas las psicopatologías se atienen a estos dos problemas: las psicologías de la heterogeneidad se niegan como Blondel, a entender en términos de psicología normal las estructuras de la conciencia móbida; y por el contrario, las psicologías analíticas o fenomenológicas tratan de comprender la inteligibilidad de toda conducta, hasta de la demente, en sus significaciones previas a la distinción de lo normal y lo patológico. En el gran debate de la psicogénesis y la organogénesis se produce una división análoga: búsqueda de la etiología orgánica después del descubrimiento de la parálisis general, con su etiología sifilítica? o análisis de la causalidad psicológica a partir de perturbaciones sin fundamento orgánico, definidas a fines del siglo XIX como síndrome histérico?” (FOUCAULT, 1954/1984, p. 9)

¹ Com o adjetivo “clássico” ou “tradicional” podemos entender a identificação dada às teorias e práticas superadas da psicopatologia, segundo Foucault; sentido verificável ao longo de *Doença Mental e Personalidade*, como demonstram os empregos na introdução (FOUCAULT, 1954/1984, p.10) e na conclusão (FOUCAULT, 1954/1984, p. 115, 118, 120).

Essas questões da psicopatologia clássica não enxergam, no entanto, o problema de fato. Assim, ora reduzem seu objeto a uma gênese orgânica, ora a uma gênese psíquica. Só uma reflexão sobre “*o homem mesmo*” pode dar conta desse problema. Essa reflexão, por sua vez, vai conduzir a um resultado: de forma alguma, as psicopatologias podem fazer o mesmo que a medicina. Dessa forma, Michel Foucault encaminha a sua crítica à metapatologia:

“Si definir la enfermedad y la salud psicológicas resulta tan difícil, no será porque nos esforzamos en vano en aplicarles masivamente los conceptos destinados a la medicina somática? La dificultad de encontrar la unidad de las perturbaciones orgánicas y de las alteraciones de la personalidad, no provendrá de que les atribuimos una causalidad del mismo tipo? Por encima de la patología y de la patología orgánica hay una patología general y abstracta que domina a las dos y les impone como elementos previos los mismos conceptos, y les indica los mismos métodos como postulados. Queremos demostrar que la raíz de la patología mental no debe estar en una especulación sobre cierta "metapatología", sino sólo en una reflexión sobre el hombre mismo.” (FOUCAULT, 1954/1984, p.10)

Foucault, portanto, busca os parâmetros do “homem mesmo” para definir o que é doença mental. Mas para que isso se efetive a psicologia deve se desfazer de seus falsos postulados. Esses postulados formam o que Foucault vai denominar de metapatologia: a utilização tanto da patologia orgânica quanto da patologia mental dos mesmos parâmetros na forma de abordar a doença orgânica e a doença mental. Nada mais falso, diz-nos Foucault.

Mas o que Foucault aponta como postulados que guiam psicopatologia e medicina, mas não dão conta dos fatos psicopatológicos? Vamos chamar esses falsos postulados de vetos foucaultianos² à psicopatologia, porque eles vão circunscrever um rigor da medicina, o qual a psicologia e a psiquiatria não vão poder emular. São três os vetos foucaultianos e dizem respeito: a abstrair a parte do todo, a distinguir o normal do patológico e à relação do doente com o meio.

Primeiramente, *a abstração*. A medicina, apesar de enfatizar a totalidade orgânica do corpo, a relação entre os órgãos, ainda assim, na sua atividade, pode operar a abstração de uma parte dessa totalidade, destacando morfológica e funcionalmente a região doente e tratando-a pontualmente.

² Trata-se de uma alusão ao empreendimento de Kant, em seus *Princípios metafísicos da ciência da natureza* de 1786. Ele também realiza os seus vetos à psicologia, no caso, para se tornar rigorosamente ciência empírica. A psicologia seguiu sua história com essa crítica à sombra e respondeu-a em parte, como se vê no texto de Arthur Arruda Leal Ferreira, *A psicologia no recurso aos vetos kantianos* (In: JACÓ-VILELA ET AL., 2006, p. 85-91)

“La anatomía y la fisiología proponen justamente a la medicina una análisis que autoriza las abstracciones valederas sobre la base de la totalidad orgánica.” (FOUCAULT, 1954/1984, p. 20)

E igualmente:

“La importancia que se atribuye a la noción de totalidad em patología orgánica no excluye ni la abstracción de elementos aislados, ni el análisis causal: por el contrario, permite una abstracción más valedera y la determinación de una causalidad más real.” (FOUCAULT, 1954/1984, p. 21)

Uma abstração similar não pode ser realizada em psicopatologia. Como nos diz Foucault, a psicologia não pode oferecer à psiquiatria o que a fisiologia e a anatomia oferecem à medicina (FOUCAULT, 1954/1984, p. 21). Isso porque a totalidade psíquica, a personalidade, é de natureza distinta da totalidade orgânica. Cada elemento abstraído da totalidade psíquica perde conseqüentemente o sentido em que está inserido, se destacado da “unidade significativa das condutas” que constitui a existência de um indivíduo. Um exemplo nos ajuda a ilustrar o fato. Quando se trata de uma dor de barriga, ou de uma doença respiratória, ou de uma lesão muscular, não se negligencia o todo orgânico em que cada uma dessas patologias está implicada. Mesmo assim, em medicina pode-se isolar funcionalmente essa afecção do todo, a fim de poder tratá-la pontual e eficazmente. O mesmo não pode ser feito pelo psiquiatra. Um elemento da vida mental - um sonho, um ato falho – não pode ser abstraído da totalidade erigida pela personalidade, de forma que cada elemento fundamentalmente vai se remeter a todos os outros.

“En efecto, la coherencia de la vida psicológica parece asegurada de un modo distinto de la cohesión de un organismo; la integración de sus partes tiende a una unidad que permite que cada una de ellas sea posible, pero que se resume y se concentra em cada una: es lo que los psicólogos llamen (em su vocabulario tomado de la fenomenología) la unidad significativa de las condutas, que incluye en cada elemento – sueño, actos fallidos, gestos gratuitos, asociación libre – el estilo, el modo general, toda la anterioridad histórica y las eventuales implicaciones de una existencia.” (FOUCAULT, 1954/1984, p.21)

A relação entre o normal e o patológico também é uma em medicina e outra em psiquiatria. O patológico e o normal estão unidos em um mesmo processo em patologia orgânica – a doença desperta reações previstas no próprio organismo. Como é o caso da recomposição do tecido ósseo quando ocorre uma fratura no fêmur (hipercalciúria). Isso quer dizer que está na própria normatividade do organismo a possibilidade de cura de um estado

patológico – ou seja: em patologia orgânica, é possível identificar como o mórbido se inscreve no processo normal.

“La línea de separación entre los hechos patológicos y los normales se ha ido desdibujando para la medicina; o más bien podemos decir que ésta ha comprendido más claramente que los cuadros clínicos no eran colección de hechos anormales, de 'monstruos' fisiológicos, sino que estaban constituidos en parte por los mecanismos normales y las reacciones adaptativas de un organismo que funciona según su norma.”
(FOUCAULT, 1954/1984, p.22)

Em psicopatologia, por conta da noção de personalidade, totalidade distinta da orgânica, não é possível a mesma inserção do patológico no funcionamento normal, nem uma distinção clara entre o mórbido e o saudável. Foucault traz como exemplo em seu texto as descrições qualitativas das patologias mentais de Bleuler e Kretschmer. Nessas descrições não há clareza quanto a relação do patológico com a normalidade, pois inclui nas mesmas caracterizações patológicas aspectos que englobam tanto a personalidade normal quanto a personalidade mórbida, gerando todas as confusões.

“Bleuler, por ejemplo, había puesto como los dos polos de la patología mental, el grupo de las esquizofrenias con la ruptura del contacto con la realidad, y el grupo de las locuras maniaco-depresivas o psicosis cíclicas, con la exageración de las reacciones afectivas. Este análisis parecía definir tanto las personalidades normales como las patológicas, y dentro de este lineamiento Kretschmer construyó una caracterología bipolar: la esquizotimia y la ciclotimia, cuya acentuación patológica se presentaría como esquizofrenia y 'ciclotimia'. Pero, por lo pronto, el paso de las reacciones normales a las formas mórbidas no dispensa de un análisis preciso de los procesos: sólo permite una apreciación cualitativa que autoriza todas las confusiones.”
(FOUCAULT, 1954/1984, p.22-23)

Por último, o veto de Foucault recai sobre *a relação do doente com o meio*. Em patologia orgânica, a doença depende dos métodos diagnósticos e terapêuticos da medicina. No entanto, esses garantem justamente a autonomia da doença frente à personalidade do indivíduo. Indivíduo doente, doença orgânica e médico se relacionam, portanto, em relativa independência um do outro, em prol da identificação precisa dos mecanismos da doença, a fim de tratá-la pontualmente.

“Sin duda, ninguna enfermedad puede ser separada de los métodos de diagnóstico, de los procedimientos de aislamiento, de los instrumentos terapéuticos de los que la rodea la práctica médica. Pero la noción de totalidad orgánica hace resaltar, independientemente de esas prácticas, la individualidad del sujeto enfermo; permite

aislarlo em su originalidad móbida y determinar el carácter próprio de sus reacciones patológicas.” (FOUCAULT, 1954/1984, p.23)

Segundo Foucault, a doença mental, por sua vez, a forma como se apresenta – que, necessariamente, envolve toda a personalidade de um indivíduo – se mostra intrinsecamente ligada ao meio médico. Doença, doente e médico se condicionam mutuamente em patologia mental. Assim se vê, por exemplo, as origens da patologia histórica: primeiramente, fruto da relação tutelar que sua família e a sociedade lhe exercem pela privação de seus direitos, a histórica ainda permanece nesse modo de relação no mundo asilar, porém condicionada pelo arbítrio psiquiátrico como exemplifica as práticas de sugestão às quais é submetida. Isso quer dizer que não só o diagnóstico e a terapêutica em psicopatologia não dão margem a um processo de cura efetiva ao doente, como também reforçam a patologia adquirida na sua relação com o meio.

“En el campo de la patología mental la realidad del enfermo no permite semejante abstracción, y cada individualidad mórbida debe ser atendida a través de las actitudes del medio a su respecto. En Francia, la tutela impuesta al alienado por la ley de 1838, su total dependencia de la decisión médica, contribuyeron sin duda a fijar, a fines del siglo pasado, el personaje histórico. Desposeído de sus derechos por el tutor y el consejo de familia, prácticamente de nuevo en un estado de minoría jurídica y moral, provado de su libertad por la omnipotencia del médico, el enfermo se convertía en el centro de todas las sugerencias sociales; y en el punto de convergencia de estas prácticas se establecía la sugestibilidad como el síndrome mayor de la histeria.” (FOUCAULT, 1954/1954, p. 23-24)

Esses três modos de operar sobre a doença, a abstração de uma parte do todo, a descrição precisa do mórbido em um processo normal e a relação estabelecida entre o doente e o meio, não se dão igualmente em patologia orgânica e em patologia mental, tal como vimos junto à argumentação de Foucault em *Doença Mental e Personalidade*. Desse modo, toda e qualquer teoria psicológica que pretenda fazer o mesmo que se faz em medicina usa de parâmetros *abstratos* e, conseqüentemente, só pode falsear o seu objeto, a totalidade mental, a personalidade ou o homem real. Só quando a psicopatologia se desfazer de todos os seus falsos postulados que ela poderá alcançar as condições e causas concretas da doença mental. E isso só será realizado, como já dissemos, a partir de uma reflexão rigorosa sobre o próprio homem, o homem real, iniciada pela crítica da metapatologia por nós presenciada. Foucault arremata:

“Por lo tanto, no podemos admitir de lleno ni un paralelismo abstracto ni una unidad masiva entre los fenómenos de la patología mental y los de la orgánica; y es imposible transportar de una a la otra los esquemas de abstracciones, los criterios de normalidad o la definición del individuo enfermo. La patología mental debe liberarse de todos los postulados abstractos de una ‘metapatología’, la unidad que asegura entre las diversas formas de la enfermedad es siempre artificial; es el *hombre real* quién sustenta su unidad de hecho.” (FOUCAULT, 1954/1984, p.24, grifo nosso)

O restante do livro segue essa reflexão sobre o homem mesmo. Nele, vão estar presentes duas partes: a primeira parte versará sobre “As dimensões psicológicas da doença”, uma considerável crítica às psicopatologias clássicas. São três os paradigmas criticados nessa parte: o evolucionismo, a psicanálise e o existencialismo. Essa sequência mostra um percurso de evolução das teorias psicológicas, em resposta à crítica à metapatologia anteriormente analisada. Cada uma daria conta de um aspecto que a teoria anterior não anteviu. Entretanto, nenhuma delas pode explicar as causas da doença mental, principalmente por se fixar em dimensões interiores ao indivíduo, ou seja, por individualizar a doença mental. Dessa forma, a última crítica, a relação do doente com o meio, vai permanecer com soluções abstratas. Foucault, no final dessa parte, comenta a respeito da caracterização existencialista da subjetividade mórbida como abandono do mundo:

“Pero aquí llegamos a una de las paradojas de la enfermedad mental que nos obliga a nuevas formas de análisis: si esta subjetividad del insano es al mismo tiempo vocación y abandono del mundo, no es acaso al mundo mismo a quien debemos interrogar acerca del secreto de esta subjetividad enigmática? Después de haber explorado las dimensiones interiores, no hemos sido obligatoriamente llevados a considerar sus condiciones exteriores y objetivas?” (FOUCAULT, 1954/1984, p.79)

Na segunda parte de Doença Mental e Personalidade, por sua vez, “As condições da doença”, Foucault descreve a forma mais verdadeira de compreender o homem e, conseqüentemente, a doença mental, através, justamente, da análise das “condições exteriores e objetivas”. Essa análise vai ser apoiada numa reflexão de tonalidades marxistas, por um lado, e no sistema causal da reflexologia pavloviana, por outro. São essas teorias, tais como recuperadas por Foucault, que vamos tentar elucidar a partir de agora.

Na “Introdução” da segunda parte do livro, como rito prévio a sua defesa, Foucault assinala uma maneira comum a sociólogos e antropólogos, positivistas e relativistas, de definir a doença mental a partir de um viés social. A loucura, por eles, é um *desvio* de um padrão social, o que caracteriza, primeiro, uma definição *negativa* da doença. E, segundo, a

doença é uma manifestação seletiva de *condutas gerais do ser humano* – que, porém, não é aceita por um determinado grupo social: definição *virtual* da doença. Esses dois modos, negativo e virtual, são rejeitados por Foucault. É porque *o homem não se reconhece no homem alienado* que o torna capaz de definir a doença mental negativa e virtualmente. A alienação, segundo Foucault em *Doença Mental e Personalidade*, por sua vez, deve ser encarada, inversamente, de forma *positiva e real*.

“Durkheim y los psicólogos americanos han hecho de la desviación y del alejamiento de la media, la naturaleza misma de la enfermedad por efecto de una ilusión cultural que les es común: nuestra sociedad no quiere reconocerse en ese enfermo que ella encierra y aparta o encierra; en el mismo momento en que diagnostica la enfermedad, excluye al enfermo. Los análisis de nuestros psicólogos y de nuestros sociólogos, que hacen del enfermo un desviado y que buscan el origen de lo morboso en lo anormal son, ante todo, una proyección de temas culturales. En realidad, una sociedad se expresa positivamente en las enfermedades mentales que manifiestan sus miembros; cualquiera sea el status que otorga a sus formas patológica: ya sea que las ubique en el centro de su vida religiosa, como sucede a menudo entre los primitivos, o que trate de expatriarlos situándolos en el exterior de la vida social, como lo hace nuestra cultura.” (FOUCAULT, 1954/1984, p.87)

Esse sentido real e positivo é o que Foucault trabalha no capítulo V, “O sentido histórico da alienação mental”. Antes, no entanto, o autor faz um levantamento histórico da alienação, remontando-a às experiências do *energoumenos* dos gregos e no *mente captus* dos latinos, e do possuído dos cristãos, “aquele em quien actúa o se debate una fuerza venida de no se sabe donde” (FOUCAULT, 1954/1984, p.88). No mundo cristão, o louco é o signo do pecado encarnado nessas condutas que parecem ser oriundas de outro mundo – o louco encarna o demoníaco. No entanto, o louco vive com os outros homens nesse universo onde se espera, como destino, o juízo de Deus. Homens e loucos, no entanto, não se distinguem na ordem do divino, habitam o mesmo espaço, todos são pecadores em busca da salvação. Portanto, a diferença do louco é a encarnação do demoníaco, devido ao pecado; a sua salvação, por sua vez, como a de todo mortal, dependerá de outra esfera, superior, divina. Se, no mundo cristão, todos *habitam o mesmo espaço remetido ao divino*, por outro lado, *o homem não dá sentido humano ao seu mundo e à loucura*.

Na modernidade, por sua vez, a partir do século XVIII, instaura-se a medicina mental, que dá sentido humano à alienação. O louco não é mais um possuído, mas aquele que está privado de uma faculdade do homem; “el insano ya no es un poseído; en todo caso es un

desposeído”(FOUCAULT, 1954/1984, p. 91). A loucura é descrita, então, como o erro, a ilusão, a incapacidade do verdadeiro no homem. Daí advém, por exemplo, o interesse no estudo da loucura: sabendo-se como o homem chega a errar, é possível também saber como ele chega à verdade: “Cabanis, pensando que los errores del espíritu pueden iluminar su hacia la verdad, exige el estudio de las enfermedades mentales en la Facultad” (FOUCAULT, 1954/1984, p. 91). É a época também em que Pinel encontra e desacorrenta os loucos que estão entre os muros de Bicêtre, em 1793. Sua justificativa: os loucos são *homens* assolados por uma *doença mental* e não animais ou subumanos. Por outro lado, é constituinte desse mesmo gesto o que *ainda mantém o louco entre muros*. Assim, apesar de conceber a humanidade do louco desde o século XVIII, o retira da convivência humana com a internação. Esse *sentido humano*, portanto, refere-se tão-somente a uma humanidade abstrata, porque efetiva concomitantemente uma *prática desumana*.

Chegamos a um ponto decisivo de nossa análise, já que esse sentido histórico da alienação expressa uma condição determinante em patologia mental. Soma-se a ele, toda a perda de direitos jurídicos e civis que o louco vai sofrer no século XIX, muitas das vezes para a tutela da família (a internação “voluntária”, por exemplo, respeitando não necessariamente a vontade do doente de ser internado, mas a de sua família)³. Conclui Foucault disso, portanto:

“En otros términos, el siglo XVIII restituyó al enfermo mental su naturaleza humana, pero el siglo XIX lo privo de los derechos y del ejercicio de los derechos derivados de esta naturaleza. Há hecho de él um ‘enajenado’ puesto que transmite a otros el conjunto de capacidades que la sociedad reconoce y confiere a todo ciudadano; lo há cercenado de la comunidad de los hombres em el momento mismo en que en teoria le reconocía la plenitude de su naturaleza humana. Lo ha ubicado en una humanidad abstrata despiéndolo de la sociedad concreta: esta ‘abstracción’ se realiza en la internación.” (FOUCAULT, 1954/1984, p. 93)

Esta alienação social vai marcar fundamentalmente o doente mental. Por isso, inclusive, a impossibilidade de esse fenômeno receber uma explicação puramente psicológica. É preciso, antes de tudo, analisar as condições sócio-históricas que possibilitam a alienação. Essas condições recaem sobre todo ser humano vivente em uma sociedade contraditória, tal como é a sociedade burguesa. Como essa sociedade não se reconhece na doença, que, por sua

³ “Para librar de ellos a sus familias se creó una ‘internación voluntaria’ independiente de la voluntad explícita del enfermo, pero dependiente de la de la familia, considerada como su representante cuando es confirmada por el diagnóstico médico.” (FOUCAULT, 1954/1984, p. 93)

vez, é fruto da alienação, as teorias psicológicas criticadas por Foucault na primeira parte do livro expressam nada mais que ideologia⁴, falseando, conseqüentemente, o seu objeto:

“Aquí reside justamente la paradoja que ha enredado tan frecuentemente los análisis de la enfermedad: la sociedad no se reconoce en la enfermedad; *el enfermo se siente a sí mismo como un extraño*, y sin embargo no es posible darse cuenta de la experiencia patológica sin referirla a estructuras sociales, ni explicar las dimensiones psicológicas de la enfermedad de las que hablamos en la primera parte, sin ver *en el medio humano del enfermo su condición real*.” (FOUCAULT, 1954/1984, p.95)

Não é possível explicar as dimensões psicológicas analisadas na primeira parte de Doença Mental e Personalidade, sem lhes indicar, portanto, as estruturas sociais que lhes subjazem. Um por um, o paradigma evolucionista, o da história individual e o da existência são criticados a partir da estrutura social contraditória que os tornou possível, mas que não podem reconhecer. É preciso, portanto, a análise histórica das contradições sociais que alienam a personalidade para dar conta do fato patológico.

“Em resumen, podemos decir que las dimensiones psicológicas de la enfermedad no pueden ser encaradas como autónomas sin la ayuda de algunos sofismas. Es verdad que podemos ubicar la enfermedad en relación a la evolución humana, en relación a las formas de existencia. Pero no debemos confundir estos diversos aspectos de la enfermedad con sus orígenes reales salvo que queramos recurrir a explicaciones míticas, como la evolución de las estructuras psicológicas o la teoría de los instintos, o una antropología existencial. Em realidade, sólo em la historia podemos descubrir las condiciones de posibilidades de las estructuras psicológicas;” (FOUCAULT, 1954/1984, p. 101-102)

Podemos exemplificar esse tipo de análise, por exemplo, quanto ao paradigma evolucionista. Nele, a doença é vista como uma regressão a um estágio primitivo da natureza

⁴Macherrey vê nessa análise de Foucault algo semelhante ao que faz Marx em A Ideologia Alemã, e assim comenta a propósito do capítulo V de Doença Mental e Personalidade, O sentido histórico da alienação mental: “Falar em "sentido histórico" da alienação é mostrar como uma sociedade "se exprime" através das formas mórbidas às quais ela impõe os seus modos de reconhecimento: porém esse "sentido" e essa "expressão" devem entender-se então, não segundo a orientação de uma hermenêutica das mentalidades - via que está completamente excluída -, mas na perspectiva materialista de uma explicação da superestrutura pela infra-estrutura, bastante próxima do Marx de A Ideologia Alemã, que define a ideologia como "linguagem da vida social". Essa perspectiva, que caracteriza *Maladie mentale et personnalité*, remete ao pressuposto de uma epistemologia realista, explicando o fato patológico relativamente às condições reais que o determinam como "alienação", no quadro de uma sociedade também alienada; dir-se-á então que esta sociedade projeta sua alienação em modos de comportamento que ela impõe a alguns de seus membros, assim modelando a sua personalidade. A verdade da alienação reside, pois, nas relações sociais que os homens mantêm entre si na sua existência que, de qualquer forma, quer esteja situada na categoria do normal ou na do patológico, sempre é perturbada pelos conflitos materiais que lhes determinam as formas.” (MACHERREY, 1985, p. 56)

humana. A loucura, segundo o evolucionismo, é um estado infantil da humanidade. A análise da doença a partir das estruturas sociais, no entanto, permite enxergar uma contradição da própria sociedade nessa infantilização do louco. É um mundo que separa as vivências infantis das vivências reais que torna possível esse tipo de alienação. Sintoma disso são as pedagogias. Por querer proteger e projetar seus ideais na criança, a educação burguesa cria um mundo infantil apartado dos problemas reais, fazendo com que o adulto viva a sociedade burguesa contraditoriamente ao modo como viveu quando mais novo, gerando, conseqüentemente, a alienação.

“La neurosis de regresión no manifiestan la naturaleza neurótica de la infancia, pero denuncian el carácter primitivo de las instituciones pedagógicas. Lo que se encuentra en la base de esas formas patológicas es el conflicto en el seno de una sociedad, entre las formas de educación del niño en las que ella oculta sus sueños, y las condiciones que brinda a los adultos, donde se encuentran, por el contrario, su presente real, sus miserias.” (FOUCAULT, 1954/1984, p. 97)

Dessa forma, Foucault conclui não ser possível a explicação da patologia mental pelas condições psicológicas da doença. Esse tipo de análise sempre será insuficiente por desconsiderar as condições sócio-históricas. A psicopatologia para se tornar rigorosa precisa, portanto, analisar essas condições. Por outro lado, essa análise precisa de um complemento. Isso porque, além das condições sócio-históricas, que recaem sobre todos os indivíduos, é preciso compreender por que um indivíduo fica doente e outro não. Esse tipo de análise vai ficar por conta da reflexologia pavloviana.

“Por lo tanto, la enfermedad exige dos tipos de condiciones: las condiciones sociales e históricas que fundamentan los conflictos psicológicos en las contradicciones reales del medio; y las condiciones psicológicas que transforman el contenido conflictual de la experiencia en forma de conflicto de la reacción. Lo que ahora debemos estudiar es este pasaje de la contradicción histórica a la contradicción patológica. La fisiología de Pavlov constituye, en gran parte, un estudio experimental del conflicto.” (FOUCAULT, 1954/1984, p. 104)

A fisiologia ou reflexologia de Pavlov parte das *reações* que um indivíduo apresenta frente aos processos de *inibição e excitação do sistema nervoso*. “La reflexología ha demostrado que toda actividad del sistema nervioso implica a la vez la unidad y la oposición de dos procesos: la excitación y la inhibición.” (FOUCAULT, 1954/1984, p. 104) Esse mecanismo pode ser explicado da seguinte forma: de um lado, o meio, os estímulos; do outro, o sistema nervoso, suas excitações e inibições, que geram uma ação respondente. Dessa

forma, pode-se provocar experimentalmente uma excitação no sistema nervoso de um cachorro, que reagirá salivando, a partir de um estímulo que advém do meio, um alimento, por exemplo. O alimento é um estímulo absoluto, ou seja, toda vez que é apresentado ao cachorro, ele reagirá salivando. Pode-se juntar um estímulo condicional a esse estímulo absoluto, um som de um sino, por exemplo. Assim, apresentados concomitantemente, condicionar-se-á o cachorro a responder salivando aos dois estímulos, ao alimento e ao sino. Conseqüentemente, depois de condicionado, quando for tocado o sino, o cachorro salivará, mesmo que o estímulo absoluto não seja apresentado. Mas deixará de responder dessa forma, se o alimento não for dado quando novamente tocar o sino, gerando um inibição.

Dito isso, é preciso entender o processo de excitação e inibição no próprio sistema nervoso, que se dá em uma unidade e uma oposição, ao mesmo tempo. O que isso quer dizer? Esse processo tem duas chaves explicativas, *espacial*, de um lado, e *temporal*, do outro. O aspecto espacial diz respeito ao conjunto das estruturas do sistema nervoso. O sistema nervoso é preenchido por zonas de excitação e inibição ligadas e opostas umas às outras. Assim, se pode criar uma zona de excitação e sua reação correspondente, dada uma ação estimulante. Toda zona de excitação ou zona reflexógena vai criar um *limite espacial* no sistema nervoso, lançando, em torno de si, toda uma zona inibida, após um condicionamento. Por outro lado, se essa zona reflexógena não volta a ser estimulada, ela se inibe e se torna refratária a um novo condicionamento. Nesse sentido é que se dá a unidade e a oposição entre excitação e inibição no sistema nervoso no aspecto espacial, ou seja, a toda zona excitada necessariamente se cria uma zona inibida. (Foucault, 1954/1984, p. 104-105)

Quanto ao aspecto temporal, Foucault diz:

“Sucede lo mismo para su conjunto temporal: si no se apoya um excitante condicional, con la luz, com el excitante absoluto (el alimento) em el reflejo de la salivación, la relación desaparece y el reflejo se extingue; si queremos entonces instaurar em esa misma región um reflejo del mismo tipo, encontramos a esta zona refractaria al condicionamento; al período de excitación sucede uma fase de inhibición que es como su límite temporal.” (FOUCAULT, 1954/1984, p. 105)

É isto: a cada período de excitação, vai suceder um período de inibição. No período de inibição, por sua vez, a zona de excitação vai se tornar refratária a um novo excitante. Assim, vai se formar a atividade do sistema nervoso, alternando espacial e temporalmente excitação e inibição nas estruturas do sistema nervoso. Esses dois processos, portanto, estão intimamente

ligados e só podem ser considerados um em função do outro. A título de conclusão sobre o que se trata esse dinamismo que explica as reações do sistema nervoso, Foucault nos fala:

“Por lo tanto, el sistema nervioso se presenta em su totalidad como una unidad en la que se equilibran los procesos inversos de excitación y de inhibición; cada núcleo de excitación está determinado y mantenido por una franja de inhibición; cada fase de excitación está limitado por una fase de inhibición que la sucede. Las formas de la actividad del sistema nervioso constituyen conjuntos que se individualizan em su estructura espacial y em su desarrollo temporal; la dialéctica interna de la excitación y de la inhibición les brinda una cohesión que permite analizarlas aisladamente como estructuras coherentes de actividad, sin destruir jamás la unidad funcional del organismo. Pavlov llama estereotipias dinámicas a las más amplias y estables de esas estructuras, las que determinan la actividad global del individuo.” (FOUCAULT, 1954/1984, 105)

Mas o que define o estado patológico? O não funcionamento da dialéctica normal entre excitação e inibição, instaurando uma *inibição de defesa*. Isso só é possível porque o meio oferece estímulos contraditórios, gerando condutas inadaptadas do indivíduo e, posteriormente, se ele não consegue *discriminar* esses estímulos e reagir diferentemente (ou, em uma linguagem marxizante, tomar consciência da conjuntura sócio-histórica em que vive), seu sistema nervoso, como uma tentativa de restabelecer sua normalidade, entra em um estado de inibição generalizada. Foucault conclui, então:

“Hay enfermedad cuando el conflicto, en vez de llevar a una diferenciación en la respuesta provoca una reacción difusa de defensa; en otros términos, cuando el individuo no puede gobernar, a nivel de sus reacciones, las contradicciones de su medio; cuando la dialéctica psicológica del individuo no puede encontrarse en la dialéctica de sus condiciones de existencia.” (FOUCAULT, 1954/1984, p. 114)

Dessa forma, então, Foucault complementa a compreensão das condições da doença mental com o modelo explicativo da reflexologia de Pavlov. O sistema nervoso, em seu conjunto de inibições e excitações, *explica*, segundo, Foucault em *Doença Mental e Personalidade*, como um indivíduo fica doente, e outro indivíduo não, na sociedade contraditória em que vive. Por essa via, Foucault, nesse projeto, compreende o que é a doença mental por meio de uma reflexão sobre o homem mesmo e, conseqüentemente, o que uma psicopatologia deve ser para ser rigorosamente científica, isto é, fundamentalmente considerar as condições da patologia advindas do meio humano. Foucault arremata o seu propósito em *Doença Mental e Personalidade*:

“Es el mismo error querer agotar la esencia de la enfermedad en sus manifestaciones psicológicas y encontrar en la explicación psicológica el camino de la curación. Querer desligar al enfermo de sus condiciones de existencia, y querer separar la enfermedad de sus condiciones de aparición, es encerrarse en la misma abstracción; es implicar la teoría psicológica y la práctica social de internación en la misma complicidad: es querer mantener al enfermo en su existencia de alienado. La verdadera psicología debe liberarse de esas abstracciones que oscurecen la verdad de la enfermedad y alienan la realidad del enfermo; pues cuando se trata del hombre, la abstracción no es simplemente un error intelectual; la verdadera psicología debe desembarazarse de ese psicologismo, si es verdad que, como toda ciencia del hombre, debe tener por finalidad desalienarlo.” (Foucault, 1954/1984, p. 122)

Portanto, devido às atribuições decorridas da procura do homem verdadeiro e as causas que o fazem cair doente, Foucault chega às contradições da sociedade burguesa, que alienam o sujeito. Por outro lado, nem todo sujeito fica doente nessa sociedade. A reflexologia de Pavlov, por sua vez, é a única capaz de explicar, sem reproduzir a ideologia alienante, o fato mórbido. Assim, o compromisso com o homem concreto vê as promessas de cura da doença mental longe das psicopatologias clássicas. Se a psicologia deve desalienar o homem, ela deve agir, portanto, nas condições da sua alienação, quer dizer, em direção à *transformação social*.

Introdução a Sonho e Existência (1954)

Já em *Introdução a Sonho e Existência* de Binswanger (FOUCAULT, 1954/1984), publicada no mesmo ano que *Doença Mental e Personalidade*, Foucault defende outra perspectiva, tendo em vista uma experiência fundamental do homem: o sonho. Esse texto foi redigido como introdução à tradução francesa, do artigo intitulado *Sonho e Existência*, do psiquiatra suíço Ludwig Binswanger. Aqui, a antropologia existencial de Binswanger (criticada no seu livro sobre psicopatologia) é, desta vez, elogiada por Foucault. Em contrapartida, é notável como a psicanálise de Freud é radicalmente criticada e preterida. Vamos reconstituir esse duplo movimento que nos revelará em que direção a análise do sonho deverá seguir, a partir de *uma ideia do que é o homem*. De um lado, a superação da psicologia. Do outro, a constituição de uma forma de análise concreta, objetiva e experimental do homem. Foucault resume em poucas linhas o que pretende com seu texto:

“Hoje, estas linhas de introdução não têm senão um propósito: apresentar uma forma de análise cujo projeto não é o de ser uma filosofia, e cujo fim é o de não ser uma psicologia: uma forma de análise que se designa como fundamental para todo conhecimento concreto, objetivo e experimental. Enfim, uma análise cujo princípio e método são determinados, desde o início, pelo privilégio absoluto de seu objeto: o homem, ou melhor, o ser-homem, o *Menschsein*.” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 72)

Primeiramente, algo que vai se assemelhar bastante a *Doença Mental e Personalidade*, apresentar uma análise que possibilite o “conhecimento concreto, objeto e experimental” do homem. Ora, o que foi *Doença Mental e Personalidade*, senão uma reflexão sobre o homem mesmo, o homem concreto, verdadeiro? É nesse sentido que há em ambos os textos um elogio: *à medida que uma teoria do homem se mostra como a mais verdadeira, a mais concreta*. Em *Doença Mental e Personalidade*, a questão girava em torno da definição de doença mental. Entretanto, em *Introdução a Sonho e Existência*, outra questão: a dos sonhos. E nada de tons marxizantes e pavlovianos, mas uma “análise cujo princípio e método são determinados, desde o início, pelo privilégio absoluto de seu objeto: o homem, ou melhor, o ser-homem”. Esse vocabulário “*Menschsein*”, “ser-homem” remete à ontologia de Heidegger (mas não reduzida a ela) e à apropriação antropológica que Binswanger fez dela (FOUCAULT, 1954/2002, p. 72-74). Isso mostra o caminho que vai trilhar Foucault em *Introdução a Sonho e Existência*: a tradição fenomenológica e existencialista, da qual Binswanger é um continuador. Vamos refazer em parte esse elogio, o que nos ajudará a

marcar a diferença de Doença Mental e Personalidade e de Introdução a Sonho e Existência. Portanto, em ambos há o objetivo de fundar uma ciência do homem; no primeiro, o domínio das doenças mentais, a psicopatologia; no segundo, a análise da experiência onírica, “cujo fim é o de não ser uma psicologia” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 72).

Mas que idéia de homem Foucault defende em seu texto? Como percurso prévio, no entanto, a crítica. Foucault, nesse texto, vai contestar o “*homo natura*”, ou seja, o conceito de homem entendido a partir de um setor da natureza, recuperado pelas psicologias naturalistas, que instauram seus projetos inspirados pelas ciências naturais. Deve-se levar em conta, por outro lado, o *conteúdo significativo do homem*. Foucault, por sua vez, enuncia-o a partir da antropologia de Binswanger:

“Assim, pode-se circunscrever toda a superfície que porta a antropologia. Esse projeto a situa em oposição a todas as formas de positivismo psicológico que pensa esgotar o conteúdo significativo do homem no conceito redutor de *homo natura* e, ao mesmo tempo, a recoloca no contexto de uma reflexão ontológica que toma como tema principal a presença diante do ser, a existência, o *Dasein*.” (Foucault, 1954/2002, p. 72)

Ou ainda:

“Sua oposição originária a uma ciência dos fatos humanos, no estilo de conhecimento positivo, de análise experimental e de reflexão naturalista, não remete a antropologia a uma forma a priori de especulação filosófica. O tema de sua pesquisa é o do “fato” humano, se entendemos por “fato” não o setor objetivo de um universo natural, mas o conteúdo real de uma existência que se vive e experimenta, se reconhece ou se perde em um mundo que é, ao mesmo tempo, a plenitude de seu projeto e o “elemento” de sua situação. A antropologia pode, portanto, designar-se como “ciência de fatos”, já que ela desenvolve de modo rigoroso o conteúdo existencial da presença no mundo.” (Foucault, 1954/2002, p. 72)

A partir desses dois excertos podemos concluir: Foucault está em busca do modo de análise do sonho que faça do homem um conhecimento concreto, objetivo e experimental, isto é, uma *ciência dos fatos humanos* mais propriamente dita. Essa ciência, no entanto, não reduz seu objeto ao conceito de *homo natura* e, conseqüentemente, não utiliza os métodos e princípios de uma psicologia que pretende se alinhar às ciências naturais. A análise procurada por Foucault vai ser, portanto, a análise do *Menschein*, o ser-homem, ou seja, a antropologia clínica tal como empreendida por Binswanger. Precisamos compreender ainda como se desdobra essa teoria, da qual vemos, por enquanto, só algumas das nomenclaturas e como ela

se opõe à ciência do homem que o vê coextensivamente ao mundo natural. A análise, portanto, precisa ser rigorosa com o seu objeto, o homem. E isso, nesse texto de Foucault, quer dizer: deve-se levar em conta o conteúdo da existência, que não é natural, é *significativo*. Mas, como assim? E a psicanálise? Não foi Freud, em *Interpretação dos Sonhos*, quem mais soube dar *importância significativa* ao sonho? Foucault não negligencia o pensamento freudiano, como se nota nas seguintes palavras:

“Com a Traumdeutung (Interpretação dos Sonhos), o sonho faz sua entrada no campo das significações humanas. Na experiência onírica, o sentido das condutas parecia esfumar-se como a consciência vígil se cobre de sombras e se apaga, o sonho parecia despertar e desatar finalmente o nó das significações. O sonho era como o *non-sens* da consciência. Sabemos que Freud inverteu a proposição, e fez do sonho o sentido do inconsciente. Insistiu-se muito sobre a passagem da insignificância do sonho à manifestação do seu sentido oculto, e sobre todo o trabalho da hermenêutica; atribui-se também muita importância à realização do inconsciente como instância psíquica e conteúdo. Muita, e mesmo demasiada. A ponto que se negligenciou outro aspecto do problema. É a ele que concerne nosso propósito de hoje, na medida em que ele põe em questão as relações da significação e da imagem.” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 75-76)

Foucault, portanto, leva em consideração o que Freud diz sobre o sonho. No entanto, há *algo* nessas relações que a psicanálise deixa passar e, com isso, *perde o rigor*. Deixa passar pela *ênfase semântica* dada ao sonho (a qual entenderemos melhor a seguir), “a ponto que se negligenciou outro aspecto do problema” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 75). Portanto, de fato, Freud aponta as relações de significação que o sonho entretém com o homem. No entanto, nessas relações se subentende outro tipo de relações: as “relações da significação e da imagem” (FOUCAULT, 1954/2002, p.76), nas quais Freud é equivocado e ultrapassado em parte já pela fenomenologia de Husserl e, conseqüentemente, por Binwanger:

“Valeria a pena insistir um pouco sobre a coincidência de datas: 1900, as *Logische Untersuchungen*, de Husserl, 1900, a *Traumdeutung*, de Freud. Duplo esforço do homem para reassumir suas significações e reassumir-se a si próprio em sua significação.” (FOUCAULT, 1954/2002, p.75)

Detenhamo-nos por enquanto na análise dos sonhos de Freud. O sonho, na análise freudiana, é uma manifestação do inconsciente; é a realização tanto dos desejos, quanto dos contradesejos do sujeito. É isso, inclusive, que faz do sonho o portador de um sentido oculto –

por não ser permitido ao desejo se realizar completamente no sonho, devido à censura advinda, justamente, dos contradesejos nele presentes. Portanto, o sonho é uma forma sutil de o desejo vir a aparecer e, para que seu sentido claro emerja, deve-se *interpretá-lo*.

“o sonho é a realização do desejo, mas, se justamente ele é sonho e não desejo realizado, é porque ele realiza também todos ‘contradesejos’ que se opõem ao próprio desejo. O fogo onírico é a ardente satisfação do desejo sexual, mas o que faz com que o desejo tome forma na substância sutil do fogo é tudo aquilo que recusa esse desejo, buscando sem cessar apagá-lo.” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 76)

Essa concepção do sonho faz desse fenômeno uma “multiplicação de sentidos que se superpõem e se contradizem” (FOUCAULT, 1954/2002, p.76). Freud, portanto, cria para o sonho uma *semântica*, ou seja, faz com que toda a aparência que se desenrola no sonho seja remetida a um sentido oculto, ao inconsciente, ao desenvolvimento da libido, enquanto a parte que concerne ao entendimento da *própria aparência do sonho*, suas imagens, que formam sua *estrutura sintática e morfológica*, é negligenciada. Foucault comenta a respeito de Freud:

“A imagem se esgota na multiplicidade do sentido, e sua estrutura morfológica, o espaço no qual ela se desdobra, seu ritmo de desenvolvimento temporal, em suma, o mundo que ela leva consigo, não contam para nada quando não são uma alusão ao sentido. Em outras palavras, a linguagem do sonho não é analisada senão na sua função semântica; a análise freudiana deixa na sombra sua estrutura morfológica e sintática.” (FOUCAULT, 1954/2002, p.76)

É nesse sentido que Foucault diz que Freud deu estatuto de fala ao sonho, mas não de linguagem. Enquanto linguagem, a aparência do sonho não remete senão a si mesma. Assim, a aparência deve encontrar sua chave compreensiva na própria aparência. Dizer que o sonho é uma linguagem é dizer que o “mundo imaginário tem suas leis próprias, suas estruturas específicas” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 77). Em estatuto de fala, contudo, como é o caso de Freud, o sonho depende de um “mundo de expressão” que o antecede. O sonho é significativo com relação ao mundo expressivo do Desejo, que segundo Foucault, fez da psicanálise tão equívoca quanto a metafísica clássica, por subjugar a imagem ao seu sentido oculto:

“O mundo imaginário tem suas leis próprias, suas estruturas específicas; a imagem é um pouco mais que a realização imediata do sentido; ela tem sua espessura, e as leis que nela reinam não são apenas proposições significativas, assim como as leis do mundo não são apenas decretos de uma vontade, ainda que ela fosse divina. Freud fez habitar o mundo imaginário do Desejo, tal como a metafísica clássica fizera habitar o mundo da física pelo querer e pelo entendimento divinos: teologia das

significações na qual a verdade se antecipa à sua formulação e a constitui inteiramente.” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 77)

É dessa forma que Foucault recompõe a análise dos sonhos de Freud. O sonho é manifestação do sentido oculto do inconsciente, por ser realização tanto dos desejos quanto dos contradesejos de um sujeito. Devido a isso, o sonho se desenrola em uma multiplicidade de sentidos e é analisada, portanto, a partir de uma função semântica. Freud deu voz no sentido específico de *fala* ao sonho, mas não *linguagem*. Uma análise que desse estatuto de linguagem ao sonho deveria encará-lo morfológica e sintaticamente, ou seja, a partir das e pelas próprias imagens do sonho. Portanto, *a análise dos sonhos, para ser rigorosa, não deve ser a interpretação de seus sentidos ocultos, mas a compreensão imediata da sua aparência*. Mas o que diz Foucault mais especificamente da interpretação freudiana, qual o seu equívoco?

“O sentido não aparece para ela, através do reconhecimento de uma estrutura de linguagem; mas ele deve extrair-se, deduzir-se, adivinhar-se a partir de uma fala retomada por ela própria. E o método da interpretação onírica será muito naturalmente aquele que utilizamos para encontrar o sentido de um vocábulo, em uma língua da qual ignoramos a gramática: um método de cotejo, tal como o utiliza a arqueologia para línguas perdidas, um método de confirmação tanto pela probabilidade como pela decifração dos códigos secretos, um método de coincidência significativa como nas semânticas mais tradicionais. A audácia desses métodos e os riscos que correm não invalidam seus resultados, mas a incerteza da qual eles partem nunca é inteiramente conjurada pela probabilidade incessantemente crescente que se desenvolve no interior da própria análise; ela tampouco é inteiramente apagada pela pluralidade dos casos que autorizam um léxico interindividual das simbolizações mais frequentes. A análise freudiana nunca retoma senão um dos sentidos possíveis pelos atalhos da adivinhação ou pelos longos caminhos da probabilidade: o próprio ato expressivo jamais é reconstituído em sua necessidade.” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 78)

É preciso, portanto, reconstituir *a necessidade do ato expressivo do sonho*. A psicanálise não o faz com o seu método interpretativo, porque, pelo cotejo e comparação das imagens, ela tenta restituir, por coincidências significativas, o sentido oculto do sonho, que, por sua vez, remete-se às fixações do indivíduo no seu passado libidinal. O sonho em si, quando psicanaliticamente analisado, assim, é *esvaziado* em proveito da análise do desenvolvimento psicosssexual do sujeito. Sem contar os problemas advindos *da adivinhação e da probabilidade* pelas quais opera o psicanalista, que dão o tom da *“incerteza nunca inteiramente conjurada”* em suas análises. A concepção de homem da qual Freud origina sua

análise dos sonhos, portanto, é equivocada, pois *não reconstitui a necessidade do ato expressivo do sonho, nem conjura as incertezas das quais partem as análises*, serviço esse, por sua vez, prestado pela *Daseinanalyse*.

É certo que Binswanger retoma uma tradição, que remonta, por sua vez, à ontologia de Heidegger e à fenomenologia de Husserl. Não vamos nos deter diretamente a elas, apesar de ser uma digressão digna de trabalho, pelo interesse epistemológico que contêm. De toda forma, elas estão subentendidas no pensamento de Binswanger e no, especificamente, no pensamento de Foucault no texto que estamos nos debruçando. Nosso objetivo é entender a ideia de homem defendida de Foucault em *Introdução a Sonho e Existência*, então vamos nos deter apenas nos seus rastros, que se podem antever na *crítica à Freud* que abre a perspectiva ao *elogio à Binswanger*.

Freud deu importância ao sonho. Dessa forma, ele deu direitos psicológicos ao sonho. “A psicanálise instaurara uma psicologia do sonho ou, quando menos, restaurara o sonho em seus direitos psicológicos.” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 87) Colocando-o no domínio psicológico, Freud ainda assim não rompeu com um postulado da psicologia do século XIX: “o sonho é uma rapsódia de imagens” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 88) No entanto, não pôde pensá-lo *como experiência imaginária*, o que, segundo Foucault, foi feito por Binswanger, retomando uma tradição ainda anterior a essa psicologia da qual Freud reproduz ainda um dos postulados. Essa tradição diz respeito a uma teoria do conhecimento.

“Até o século XIX, foi em termos de uma teoria do conhecimento que se colocou o problema do sonho. O sonho é descrito como uma forma absolutamente específica e, se é possível colocar a psicologia, é de modo segundo e derivado, a partir da teoria do conhecimento que o situa como um tipo de experiência. É com essa tradição esquecida que Binswanger reata os traços em *Traum und Existenz*.” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 88)

Um dos aspectos em que se decide esse movimento de Foucault a favor de Binswanger e contra Freud diz respeito ao papel do sujeito no sonho. Em Freud, segundo Foucault, o sujeito que sonha é sempre um “quase-sujeito” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 109). Ele não é mais que *uma das personagens que aparece no drama onírico*, há “uma objetivação radical do sujeito sonhando, que viria desempenhar seu papel entre outros personagens, e em um cenário no qual ele teria uma figura simbólica” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 108) pelo método psicanalítico. Sendo assim, o sonho se desenrolaria a partir de personagens já constituídos, num drama libidinal representado pelo sujeito que sonha.

Em Binswanger, pelo contrário, Foucault vê a presença de uma “radical subjetividade da experiência onírica” (FOUCAULT, 1954/2002, p.109). E, assim, em vez de tratar do sujeito como um traço simbólico no sonho, o sujeito é todo o sonho. A análise dos sonhos não caminharia, nesse sentido, na decifração das imagens, o que, a partir do drama do sujeito com os outros, ela poderia dizer da repetição do passado da personalidade no presente; mas, considerando o sonho como experiência autêntica de uma existência, de uma liberdade⁵ que se constitui na sua própria existência, a análise dos sonhos “deveria fazer emergir em plena luz o momento constituinte da subjetividade onírica” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 109). Segundo FOUCAULT (1954/2002, p. 109):

“é graças aos textos de Binswanger que se pode compreender o que pode ser o sujeito do sonho. Esse sujeito não é ali descrito como uma das significações possíveis de um dos personagens, mas como o fundamento de todas as significações eventuais do sonho, e, nessa medida, ele não é a reedição uma forma anterior ou de uma etapa arcaica da personalidade; ele se manifesta com o devir e a totalidade da própria existência.”

Essa é mudança de compreensão do sujeito do sonho: em psicanálise, o sujeito é eventualmente uma das imagens do sonho, que, por sua vez, está na cadeia de um discurso que remete ao passado da personalidade; em Binswanger, o sujeito é todo o sonho: “O sujeito do sonho ou a primeira pessoa onírica é o próprio sonho, é o sonho todo. No sonho, tudo diz “eu”, inclusive os objetos e os animais, o espaço vazio, mesmo as coisas longínquas e estranhas que povoam sua fantasmagoria.” (FOUCAULT, 1954/2002, p.111) E, dessa forma, o sonho mais do que ser o rastro de um passado, é o anúncio de um futuro de uma subjetividade que se constitui no movimento de seu devir, do qual a própria experiência onírica participa fundamentalmente.

“O sonho já é esse futuro se fazendo, o primeiro momento da liberdade se liberando, o abalo, ainda secreto, de uma existência que se reassume no conjunto de seu devir.” (FOUCAULT, 1954/2002, p.110)

E ainda:

“Sonhar não é um outro modo de fazer a experiência de um outro mundo, para o sujeito que sonha é a maneira radical de fazer a experiência de seu mundo, e essa maneira é a tal ponto radical, é porque nela a existência não se anuncia como sendo mundo. O sonho situa-se nesse momento último no qual a existência é ainda seu

⁵ Há de se notar que o existencialismo pensa o sujeito humano como aquele que não tem sua existência já constituída quando aparece no mundo. A existência precede a essência.

mundo, logo mais além, desde a aurora do despertar, a existência já não mais o é.”
(FOUCAULT, 1954/2002, p. 112)

A partir dessa compreensão, Foucault e Binswanger se valem de um dito de Heráclito para compreender a experiência onírica: “O homem desperto vive em um mundo de conhecimento; mas aquele que dorme voltou-se para o mundo que lhe é próprio.” Nesse dito estão supostos dois modos de vida do homem: o modo desperto, portanto, a vigília, o mundo com os outros e com os objetos; e o modo onírico, modo em que o sonho é fundamentalmente vivido pelo próprio sujeito. Afasta-se, então, ao pensar o sonho como experiência, “um sentido trivial: os caminhos da percepção estariam fechados ao sonhador, isolado pelo desabrochar interior de suas imagens” (FOUCAULT, 1954/2002, p.). *O sonho, em verdade, é a experiência mais originária do homem, no sentido em que ele, na sua fundamental solidão, imaginando, projeta-se para o mundo.*

“O mundo onírico é um mundo próprio, não no sentido de que a experiência subjetiva nele desafie as normas da objetividade, mas no sentido de que ele se constitui no modo originário do mundo que me pertence anunciando ao mesmo tempo minha própria solidão.” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 99-100)

Assim, o debate pelo qual Foucault se resolve pelo existencialismo de Binswanger diz respeito a *uma antropologia da imaginação*, na qual se diferenciam a imagem e a imaginação. Freud não soube diferenciá-las, na análise do sonho obstinando-se no que a imagem poderia dizer de um passado perdido, no entanto representado, em parte, no presente. *Quando o sonho, na realidade, é o que torna possível a própria imaginação e, com isso, é ato fundamental.* Reduzir o sonho a uma miríade de imagens, negligenciar o que tem de ato de imaginação que se abre ao mundo, é esvaziar o que ele tem a dizer. Freud fez falar o sonho, mas retirando-lhe sua necessidade de expressão. Ao devolver-lhe essa necessidade, Binswanger pôde ver no sonho mais do que uma rapsódia de imagens, mas a própria imaginação em ato.

“ao sonho que todo ato de imaginação remete. O sonho não é uma modalidade da imaginação; ele é sua condição primeira de possibilidade.”
(FOUCAULT, 1954/2002, p.122)

Foucault, portanto, diferencia imagem de imaginação, inclusive mostrando o quanto ter uma imagem é renunciar a imaginar. Se eu imagino o mar, a praia, eu sentado na areia, depois me levantando para dar um mergulho, a água gelando o corpo, quando ela toca os meus pés, mas paro, volto a explicar a diferença entre imagem e imaginação, detenho a

imaginação nessas imagens. É assim que a imaginação do sonho para, quando acordamos. Temos apenas suas imagens na lembrança (que tantas vezes esquecemos) do sonho. Freud fez falar o sonho, mas sob esse modo retrospectivo da vigília. No entanto, o sonho é a experiência da imaginação por excelência. Portanto, em vez de ele se remeter a uma experiência passada, o sonho anuncia a constituição de uma subjetividade se fazendo projetada no mundo. Ou, em outras palavras, o sonho é constituinte e não uma reconstituição.

“Parece, pelo contrário, que a imagem não é feita da mesma trama que a imaginação. A imagem, de fato, que se constitui como uma forma cristalizada e que toma emprestado, quase sempre, sua vitalidade da lembrança, tem bem esse papel de substituto da realidade ou de elemento de analogia que contestamos à imaginação. Quando imagino o retorno de Pierre, ou o que será o nosso primeiro encontro, não tenho propriamente falando, imagem, e apenas o movimento significativo desse encontro eventual que me transporta – o que ela comportará de ela ou de amargor, de exaltação ou de recaída. Mas eis que, bruscamente, Pierre aparece-me “em imagem”, com essa roupa sombria e esse meio-sorriso que conheço. Viria essa imagem concluir o movimento de minha imaginação e satisfazê-la com o que ainda lhe faltava? Absolutamente não: pois eu cesso logo de imaginar, e mesmo se deve durar pouco, essa imagem não deixa jamais de reenviar-me, cedo ou tarde, à minha percepção atual, a essas paredes brancas que me envolvem e excluem a presença de Pierre. A imagem não se oferece no momento em que culmina a imaginação, mas no momento em que ela se altera. A imagem faz a mímica da presença de Pierre, a imaginação vai ao seu encontro. Ter uma imagem é, então, renunciar a imaginar.” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 127)

Dessa forma, há uma diferença no tratamento da temporalidade em Freud e em Binswanger. Não o passado constituído, no qual o sonho seria sua sutil reconstituição. A temporalidade do sonho é a da própria constituição do sujeito, pois o sonho é seu movimento constituinte, ou seja, “o ponto essencial do sonho não está tanto no que ele ressuscita do passado, mas no que ele anuncia do futuro” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 110). E, por isso, ele anuncia as projeções de um mundo próprio, não uma representação de um sujeito que repete seu drama sob outra roupagem. Portanto, “*o sonho já é esse futuro se fazendo, o primeiro momento da liberdade se liberando, o abalo, ainda secreto, de uma existência que se reassume no conjunto de seu devir.*” (FOUCAULT, 1954/2002, p.110, grifo nosso)

Com isso tem-se um sentido para a análise dos sonhos e, conseqüentemente, para a psicoterapia, como vimos no decorrer do texto, no pensamento e na prática engendrados por Binswanger, a Daseinanalyse. Foucault nos diz que “é à liberação do imaginário murado na

imagem que deverá tender a psicoterapia” (FOUCAULT, 1954/2002, p.) Esse ponto crivado por Foucault faz a psicoterapia tender para Binswanger para sua análise dos sonhos como experiência imaginária e não como “rapsódia de imagens”. Por ser liberação das imagens, deve fazer ao sujeito retornar ao modo da sua temporalidade constituinte. O *fantasma*, nesse sentido, por exemplo, não é a verdade sutil do desejo transmutado em imagens, mas uma imaginação detida e, por isso, travada em imagens.

“Do lado inteiramente oposto, ter-se-ia o fantasma mórbido e já, talvez, certas formas rudes de alucinações. Aqui, a imaginação está totalmente travada na imagem. Há fantasma quando o sujeito encontra o livre movimento de sua existência esmagado na presença de uma quase-percepção que o envolve e imobiliza. O menos esforço da imaginação se detém e se esgota nela como se caísse em sua contradição imediata. A dimensão do imaginário desmoronou-se; no doente não subsiste mais do que a capacidade de ter imagens, imagens tanto mais fortes, tanto mais consistentes quanto a imaginação iconoclasta se tenha alienado nelas. A compreensão do fantasma não deve, portanto, fazer-se em termos de imaginação suprimida; e é à liberação do imaginário murado na imagem que deverá tender a psicoterapia.” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 129)

Com isso se conclui nossa tentativa de entender de que forma Foucault concebe a psicologia e, conseqüentemente, o homem em *Introdução a Sonho e Existência*, publicado no mesmo ano que *Doença Mental e Personalidade*, analisado anteriormente. Neles estão em jogo os fundamentos da psicologia. Há de se pensar na contribuição que essas análises sobre Binswanger, sobre o marxismo e sobre a reflexologia têm para a psicologia. Não só por esses textos de 1954. Enquanto houver adeptos das psicologias defendidas e criticadas por Foucault nesses projetos, esse debate é lançado para incomodar-lhe e lançá-los a uma reflexão rigorosa. Mas nosso desejo, ou nossa maldade, não deve parar por aqui. Queremos considerar agora o movimento que virá depois na obra de Foucault – a contestação da psicologia.

A dispersão da psicologia e perspectiva trágica loucura (1957 e 1961)

Em 1957, Foucault publica outros dois textos sobre a psicologia. *A Psicologia de 1850 a 1950* (FOUCAULT, 1957/2002) e *A Pesquisa Científica e a Psicologia* (FOUCAULT, 1957/2010). O tom de Foucault é eminentemente crítico. Nenhum elogio. A psicologia está no centro de um impasse. Teorias diversas se negam mutuamente sob a necessidade de responder o que é o homem. Aqui, há o problema da ciência, aquartelada nas universidades. Ao mesmo tempo, há as práticas que requerem o psicólogo e os psicólogos, no melhor dos casos, ciosos de sua prática. Práticas da psicologia que estão, a princípio, fora de seu domínio, a educação, o trabalho, o manicômio e que, por sua vez, não deixam de tentar se justificar, sem, no entanto, achar qualquer consenso. Agora, é desse quadro das disputas entre as teorias em psicologia que queremos extrair de Foucault nosso movimento, já que as disputas propriamente ditas ficaram por conta dos capítulos anteriores. A expectativa é que se comece a ver as condições pelas quais a psicologia se faz.

Façamos um recuo histórico à constituição da psicologia como ciência, tal como podemos apreender a partir da letra de Foucault. Em *A Psicologia de 1850 a 1950*, Foucault nos diz que a psicologia do século XIX nasce como ciência a partir das preocupações de se tornar ciência natural, tal como o Iluminismo Alemão julgava, e aí se diz Kant, como vimos no primeiro capítulo⁶, no seu juízo sobre o que toda ciência deve ser para se tornar rigorosa. Isso significava ser ciência tal como a física e a química são ciências. Nesse caso, a psicologia deveria ter seu método e seu objeto delineados pelo mundo natural, e isso significou, segundo Foucault, o *preconceito de natureza* da psicologia do século XIX, ou seja, ter visto o homem sob a natureza, essa em que a Física, a Química e o Evolucionismo viam o seu objeto.

“Sob sua diversidade, as psicologias do final do século XIX possuem esse traço comum, de tomar emprestado das ciências da natureza seu estilo de objetividade em seus métodos, seu esquema de análise.” (FOUCAULT, 1954/2002, p.135)

Vimos no capítulo 1 o quanto Foucault foi em parte crítico às concepções naturalistas em *Doença Mental e Personalidade*, ao propor uma reflexão social para a compreensão das doenças mentais; ao mesmo tempo, no entanto, ali estava Pavlov, e sua explicação calcada no sistema nervoso. Já em *Introdução a Sonho e Existência*, tratado no capítulo 2, o que foi a

⁶ Conferir nota dois, página 4 desta monografia.

crítica à Freud senão uma denúncia de a psicanálise *não ter abandonado totalmente* os postulados naturalistas? Não sejamos injustos, no entanto. A psicanálise ocupa um lugar especial nas análises de Foucault. Ela é um ponto histórico e crítico da psicologia. Aliás, qual foi a psicologia que deu mais papel à significação? A psicanálise, diz-nos Foucault.⁷ Ela é quem radicalmente levou a psicologia à mudança de postulados, da natureza para a cultura. Em A psicologia de 1850 a 1950, Foucault chega a dizer (1957/2002, p. 141):

“Mas nenhuma forma de psicologia deu mais importância à significação do que a psicanálise. Sem dúvida, ela ainda permanece, no pensamento de Freud, ligada às suas origens naturalistas e preconceitos metafísicos ou morais, que não deixam de marcá-la. Sem dúvida, há na teoria dos instintos (instinto de vida ou de expansão, instinto de morte ou de repetição) o eco do mito biológico do ser humano. Sem dúvida, na concepção de doença como regressão a um estágio anterior do desenvolvimento afetivo, reencontramos um velho tema spenceriano e os fantasmas evolucionistas de que Freud não nos poupa, mesmo em suas implicações sociológicas mais duvidosas. Mas a própria história da psicanálise fez ver esses elementos retrógrados. A importância histórica de Freud vem, sem dúvida, da impureza de seus conceitos: foi no interior do sistema freudiano que se produziu essa reviravolta da psicologia; foi no decorrer da reflexão freudiana que a análise causal transformou-se em gênese das significações, que a evolução cede seu lugar à história, e que o apelo à natureza é substituído pela exigência de analisar o meio cultural.” (FOUCAULT, 1957/2002, p. 141-142)

Assim, a psicologia, em linhas gerais, passa a estar dividida: de um lado, vê o homem como um setor do mundo natural e, desse modo, tenta fazer ciência; do outro, como irreduzível a uma natureza que não à sua própria, coloca em questão os pressupostos da psicologia científica, realçando o papel que a cultura tem sobre o homem. A partir dessa oposição geral, multiplicam-se as respostas a respeito de quais são os fundamentos do homem no bojo das teorias psicológicas.

⁷ Foi a psicanálise, portanto, diz-nos Foucault, e não a antropologia existencial como já poderíamos supor de acordo com as reflexões de Introdução a Sonho e Existência, quem faz a virada mais radical de postulados na psicologia. Binswanger não é uma resposta da *psicologia* ao seu dilema epistemológico (natureza x cultura), mas uma esquivada dele, ou seja, o psiquiatra suíço, segundo Foucault, renuncia à psicologia, ao não tentar mais resolver as contradições, mas torná-las temas existenciais.

“Reapreender o homem como existência no mundo e caracterizar cada homem pelo estilo próprio a essa existência é, para L. Binswanger, para H. Kuns, atingir, *mais além da psicologia* (grifo nosso), o fundamento que lhe dá sua possibilidade e dá conta de suas ambigüidades”. (FOUCAULT, 1957/2002, p.150-151)

E em Introdução a Sonho e Existência: “Hoje, estas linhas de introdução não têm senão um propósito: apresentar uma forma de análise cujo projeto não é o de ser uma filosofia, e *cujo fim é o de não ser uma psicologia* (grifo nosso); uma forma de análise que se designa como fundamental para todo conhecimento concreto, objetivo e experimental.” (FOUCAULT, 1954/2002, p. 72)

A ciência psicológica, nesse sentido, no empreendimento de afirmar seus fundamentos, encontra um problema na formação universitária, como descreve Foucault em *A Pesquisa Científica e a Psicologia*. Quando um aprendiz entra na faculdade de psicologia, é-lhe lançada uma questão de resolução de destino: pretende fazer ciência experimental ou lançar-se em investigações mais reflexivas sobre o homem, mais próximas à filosofia? Essa questão Foucault faz digna de espanto: como assim uma pesquisa que ainda não pôde se resolver sobre o que é? É ciência ou letras? Disso Foucault depreende *uma condição da psicologia*: primeiro, ela se faz como pesquisa; depois, ela se resolve por ser científica ou não. Foucault comenta sobre essa questão digna de espanto:

“Um dos *a priori* históricos da psicologia, em sua forma atual, é essa possibilidade de ser, sob modo de exclusão, científica ou não. Não se pergunta a um físico se ele quer ser cientista ou não, ou a um especialista da fisiologia dos gafanhotos alpinos se ele pretende ou não fazer obra científica. Sem dúvida porque a física em geral e a fisiologia dos gafanhotos alpinos emergem como domínios de pesquisa possível apenas no interior de uma objetividade já científica. Que não me digam, portanto, que o modo de reprodução dos moluscos de água doce pode interessar ao pescador tanto quanto chamar, invocar e reter a atenção, talvez durante uma década, de um naturalista; pois não me perguntavam se eu me interessava por minha alma para assegurar sua felicidade e salvação, ou para explicitar o *Logos*. Não, falavam-me da psicologia, que, em si mesma, pode ser científica ou não. (grifo nosso) Como o químico que quisera, desde o início, exorcizar a alquimia. Mas é necessário retificar ainda a comparação: a química não se escolhe, de saída, como estranha à alquimia; ela não repousa sobre uma escolha, por seu próprio desenvolvimento ela torna essa escolha irrisória.” (FOUCAULT, 1957/2010, p.2)

Foucault retira ainda dessa paisagem geral da psicologia de seu tempo outra condição fundamental: cada teoria psicológica se constitui pela *negação das outras teorias por uma redução do fenômeno psicológico ao seu objeto*. “A pesquisa aparece aqui muito mais como uma conduta de desvio, na qual o conhecimento constituído se encontra em curto-circuito e invalidado, em nome de uma redução da ciência a seu objeto por uma defasagem que faz da ciência não mais o horizonte problemático da pesquisa, mas o objeto polêmico de sua investigação.” (FOUCAULT, 1957/2010, p. 6) Essa redução da psicologia ao seu objeto torna claro uma operação de certos psicólogos quando confrontados em suas teorias diversas. A *psicologização* das teorias invalidadas pela vertente psicológica que procura se afirmar. Isso é visto, por exemplo, quando *um* defensor do inconsciente acusa a psicologia da consciência por ser demasiado recalcada para enxergar o poder que o inconsciente exerce sobre ela. A

pesquisa psicológica, portanto, seria não só a afirmação de uma positividade científica, mas uma denúncia da *ilusão* na qual recaem as teorias invalidadas. A pesquisa psicológica é assim caracterizada como um exorcismo de mitos e não, como nas ciências naturais, uma tentativa de descobrir os erros da própria ciência em favor de sua positividade com relação a seu objeto, que, por sua vez, permaneceriam o mesmo. Tomando o exemplo do debate entre psicanalistas, Foucault declara sobre a pesquisa em psicologia:

“As imputações de ligação edipiana ou de fixação narcísica que os psicanalistas lançam entre si são apenas variações cômicas e guerras picrocholinas sobre o tema fundamental: o progresso da pesquisa em psicologia não é um momento no desenvolvimento da ciência; é um desgarramento perpétuo das formas constituídas do saber, sob o duplo aspecto de uma desmistificação que denuncia na ciência um processo psicológico e de uma redução do saber constituído ao objeto que tematiza a pesquisa. A novidade da pesquisa não se inscreve em uma crítica do conteúdo, nem na dialética da ciência onde se realiza o movimento de sua verdade, mas em uma polêmica contra o saber tomado no nível de sua origem, em uma redução primordial da ciência a seu objeto, numa suspeita crítica sobre o conhecimento psicológico.” (FOUCAULT, 1957/2010, p.6-7)

Delineiam-se, pois, alguns problemas que Foucault enxerga na psicologia na sequência dos textos publicados em 1954, nos quais ele ainda se inseria num debate epistemológico da psicologia, no intuito de eleger a teoria mais verdadeira sobre o homem. Em 1957, nota-se outro tom sobre a psicologia – muito mais crítico, procurando visualizar as condições pelas quais a psicologia se faz na sua profusão de teorias e em seus temas contraditórios. “Mas cabe à psicologia ultrapassá-los, ou deve ela se contestar de descrevê-los como formas empíricas, concretas, objetivas, de uma ambigüidade que é a marca do destino do homem? Diante desses limites, deve a psicologia liquidar-se como ciência objetiva e desviar-se em uma reflexão filosófica que contesta sua validade? Ou ela deve descobrir fundamentos que, se não suprimem a contradição, permitem ao menos dar conta dela?” (FOUCAULT, 1957/2002, p.150) Trata-se de um autor, portanto, no qual, nesse momento, a psicologia suscita muito mais questões do que respostas. É próximo de destilar o seu melhor veneno.

A prática psicológica é também abordada nesses dois textos de 1957, *A Psicologia de 1850 a 1950* e *A Pesquisa Científica e a Psicologia*. Primeiramente, é preciso dizer algumas das práticas a psicologia se vale: a educação, o trabalho, a medicina mental. Em nenhuma dessas práticas a psicologia encontra o seu domínio de pleno direito, ao mesmo tempo, ela pretende ser seu fundamento. “A pesquisa psicológica parece, assim, como o ordenamento

teórico de uma prática que deve ser independente dela, para que possa então se assegurar de sua validade.” (FOUCAULT, 1957/2010, p.11-12) Ou seja, mesmo que a psicologia se coloque como fundamento científico, ou melhor, teórico de uma prática, é de modo segundo, como justificativa de sua inserção. “Prática e pesquisa não dependem uma da outra senão sob modo de exclusão; e a psicologia “científica”, positiva e prática encontra-se assim reduzida ao papel especulativo, irônico e negativo de dizer a verdade discursiva de uma prática que se passa extremamente bem.” (FOUCAULT, 1957/2010, p. 12)

Passa-se extremamente bem, mas não para o psicólogo e para os que o requerem. Já que nesse domínio alheio à sua ciência, é sempre *uma prática contraditória* o que o psicólogo enxerga de partida, ou seja, é, a princípio, sob o modo *negativo* de uma experiência do homem que o psicólogo vê o ensejo de sua pesquisa. “Sua positividade, a psicologia empresta das experiências negativas que o homem faz de si mesmo.” (FOUCAULT, 1957/2010, p.16) Isso significa dizer que é do doente mental, do fracasso escolar, da inadaptação ao trabalho, por exemplo, que uma teoria psicológica aplicada começa. Essa formulação se encontra tanto em *A Psicologia de 1850 a 1950*:

“Sem forçar uma exatidão, pode-se dizer que a psicologia contemporânea é, em sua origem, uma análise do anormal, do patológico, do conflituoso, uma reflexão sobre as contradições do homem consigo mesmo. E se ela se transformou em uma psicologia do normal, do adaptativo, do organizado, é de um segundo modo, como que por um esforço para dominar essas contradições.” (FOUCAULT, 1954/2002, p.135)

Quanto em *A Pesquisa Científica e a Psicologia*:

“É curioso constatar que as aplicações da psicologia jamais procedem de exigências positivas, mas, sobretudo de obstáculos sobre o caminho da prática humana. A psicologia da adaptação do homem ao trabalho nasceu das formas de inadaptação que seguiram o desenvolvimento do taylorismo na América e na Europa. Sabe-se como a psicometria e a medida de inteligência procedem dos trabalhos de Binet sobre o atraso escolar e a debilidade mental; os exemplos da psicanálise e do que se chama agora de “psicologia das profundezas” falam por si mesmos: são inteiramente desenvolvidas no espaço definido pelos sintomas da patologia mental.” (FOUCAULT, 1957/2010, p.15)

É interessante notar a proposição final de Foucault tanto em *A Psicologia de 1850 a 1950* quanto em *A Pesquisa Científica e a Psicologia*. Em nenhum dos textos, Foucault oferece uma alternativa *positiva*, ou seja, uma nova psicologia, uma teoria (científica ou não)

que fundamente uma prática sob o epíteto de psicológica. Foucault, por outro lado, por ter visto certos problemas nos quais a psicologia se vê *condicionada*, propõe uma radicalização crítica à psicologia, pela radicalização crítica sobre próprio homem, como meio de ela ainda conseguir se salvar. Nesses dois textos, essa radicalização ainda aparece como promessa. No entanto, veremos como o próprio Foucault veio a cumpri-la. Em *A Psicologia de 1850 a 1950*:

“O futuro da psicologia não estaria, doravante, no levar a sério essas contradições, cuja experiência, justamente, fez nascer a psicologia? Por conseguinte, não haveria desde então psicologia possível senão pela análise das condições de existência do homem e pela retomada do que há de mais humano no homem, quer dizer, *sua história* (grifo nosso).” (FOUCAULT, 1957/2002, p. 151)

Em *A Pesquisa Científica e a Psicologia*:

“Se a pesquisa, com todos os caracteres que descrevemos, tornou-se em nossos dias a essência e a realidade de qualquer psicologia, isso não é, por conseguinte, o signo de que esta enfim atingiu sua idade científica e positiva; é, ao contrário, o sinal de que ela esqueceu a negatividade do homem, que é a sua pátria de origem, o sinal de que ela esqueceu sua vocação eternamente infernal. Se a psicologia quisesse reencontrar seu sentido ao tempo como saber, como pesquisa e como prática, deveria se despojar desse mito da positividade que ela hoje vive e morre, para reencontrar seu espaço próprio no interior das dimensões da negatividade do homem.”
 (...) “A psicologia se salvará apenas por um regresso aos Infernos.” (FOUCAULT, 1957/2010, p. 20-21)

Só que Foucault não salva a psicologia em *História da Loucura* (FOUCAULT, 1961/1972/2013), livro de 1961, imediatamente posterior aos textos aqui estudados por nós. Isso porque o autor pretendeu fazer a *história da loucura antes do gesto que instaura o domínio das doenças mentais*. Sem pressupor, além disso, que a loucura tivesse como destinação vir a ser objeto de alguma ciência. Foucault escreve no seu primeiro prefácio, retirado, à *História da Loucura*: “Sem dúvida, essa é uma região incômoda. Para percorrê-la é preciso renunciar ao conforto das verdades terminais, e nunca se deixar guiar por aquilo que podemos saber da loucura. Nenhum dos conceitos da psicopatologia deverá, inclusive e sobretudo no jogo implícito das retrospectões, exercer o papel de organizador.” (FOUCAULT, 1961/2002, p. 152)

Assim, de início, Foucault em sua pesquisa *desautoriza a psicologia do seu papel de saber sobre a loucura*. A massa que compõe *História da Loucura* é comprovadora: tratados de teologia e de filosofia, subscrições administrativas, obras de arte, tratados científicos, reunidos

num recorte histórico que vai do final da Idade Média (meados do séc. XIV ao séc. XV) à Idade Moderna (final do séc. XVIII ao séc. XIX), vão mover uma espiral crítica, acordando práticas e sentidos da loucura esquecidos por nossa cultura. Daí Foucault dizer que a psicologia herda a loucura, mas não como um domínio de direito. Antes da psicologia, a loucura esteve ligada a outras práticas e a outros sentidos, nos quais, de forma alguma, pode se antever a doença mental. Pelo contrário, são essas experiências, em sua imensa maioria esquecidas, que formam o *solo constituinte da psicologia*, isto é, que a tornam possível.

Foucault vai denunciar, desse modo, que o modo de apreender a loucura como doença mental, em sua forma geral, se trata de uma redução da loucura a certa razão, à razão antropológica. A razão antropológica é, primeiramente, aquela filosofia que procura responder *o que é o homem*. “Quando digo antropologia, não quero falar dessa ciência particular que chamamos de antropologia e que é o estudo das culturas exteriores à nossa. Por antropologia, entendo essa estrutura propriamente filosófica, que faz com que, agora, os problemas da filosofia sejam todos alojados no interior desse domínio que podemos chamar de domínio da finitude humana.” (FOUCAULT, 1965/2002, p. 221) Se na Idade Clássica, como expõe Foucault, a racionalidade caminha por conta própria. Por exemplo, Descartes, no percurso da dúvida metodológica, não passa por uma caracterização do homem sensível e da sua experiência, para identificar a substância do pensamento ao sujeito no próprio ato de duvidar e, daí, tirar as consequências de uma razão que chega à verdade independentemente de uma referência ao mundo sensível e a contrário do homem louco. (FOUCAULT, 1961/1972/2013, p. 45-48). Na Idade Moderna, a razão faz a crítica sobre o homem, conforme se vê no projeto de Kant, uma reviravolta na razão ocidental, tornando possível o nascimento das ciências humanas e, conseqüentemente, da psicologia tal como a conhecemos, como ciência e prática. “Nesse momento, a filosofia torna-se a forma cultural no interior da qual todas as ciências do homem em geral são possíveis.” (FOUCAULT, 1965/2002, p.221)

É preciso, com isso, marcar a não progressão de uma racionalidade psicológica através da História. Entre Descartes e a psicologia moderna, há a ruptura quanto ao modo de razão. Assim como, entre a loucura internada na Idade Clássica, motivada por imperativo de uma moral do trabalho e de uma ordem administrativa das cidades europeias (FOUCAULT, 1961/1972/2013, p. 48-78) e a loucura como doença mental na Idade Moderna, não se trata de um percurso até a descoberta da verdade da loucura, mas da apropriação da razão de um domínio que não é o seu, nem de direito nem de fato – mas que nasce a partir dele, sobre ele – a loucura. Fazer a História da Loucura, portanto, segundo Foucault, significa fazer uma

história *dos limites*, região na qual uma *cultura* faz suas escolhas, constituindo, ao mesmo tempo, sua *história* e aquilo que, para ela, estará para além de seus limites e, assim, será *esquecido* por essa história. “Interrogar uma cultura sobre suas experiências-limites é questioná-la, nos confins da história, sobre um dilaceramento que é como o nascimento mesmo de sua história.” (FOUCAULT, 1961/2002, p.154) Portanto, indo aos “confins da história”, Foucault pretendeu, em *História da Loucura*, descrever essa estrutura de recusa através da qual algo como a psicologia se tornou possível na cultura ocidental.

Esse modo de escrever a história da loucura afasta, portanto, Foucault de uma epistemologia ou de uma história das ciências e o aproxima de uma arqueologia dos saberes, invenção do próprio pensador francês, que, segundo Gros, “Trata-se, então, de analisar o surgimento das ciências humanas na cultura ocidental e se interrogar sobre esta virada que faz do homem um objeto de saber.” (GROS, 2011, p. 490) Podemos dizer que a originalidade do pensamento foucaultiano parte daí. Apesar disso, não deixa de pesar a influência do filósofo alemão, Friedrich Nietzsche, como o próprio Foucault cita no seu primeiro Prefácio a *História da Loucura*:

“O estudo que se lerá não seria senão o primeiro, e o mais fácil, sem dúvida, dessa longa investigação, que, sob a luz da grande pesquisa nietzschiana, gostaria de confrontar as dialéticas da história com as estruturas imóveis do trágico.” (FOUCAULT, 1961/2002, p.155)

Foucault, dessa forma, retoma Nietzsche, mais especificamente de o Nascimento da Tragédia, cujo objetivo final, segundo Roberto Machado, “dito em poucas palavras, é denunciar a modernidade como civilização socrática, racional, por seu espírito científico ilimitado, por sua vontade absoluta de verdade, e saudar o renascimento de uma experiência trágica do mundo em algumas das realizações filosóficas e artísticas da própria modernidade.” (MACHADO, 2000, p. 25) O autor francês, assim, comparativamente, caracterizaria a psicologia (espécie de *experiência racional da loucura*) como detentora dessa “vontade absoluta de verdade”, que, ao mesmo tempo, vai silenciar sobre, o que vai ser chamado por Foucault, de *experiência trágica da loucura*, a qual se anuncia, por exemplo, nos quadros Bosch e Brueghel, nos livros de Sade e Artaud e nas experiências de Nietzsche e Van Gogh. É esse trágico que, por sua vez, vai ser tematizado como um grande dilaceramento encerrado em si mesmo: as deformações do homem e do mundo, às beiras da morte, e que, por isso, não vão oferecer qualquer espelho da realidade ao homem. É ele que testemunha o fascínio de Santo

Antão pelo grylle, figura que explicita a deformação da natureza, no quadro de Bosch. (FOUCAULT, 1961/1972/2013, p. 17-22)

“Deste modo, a loucura tal como aparece no livro (História da Loucura), além de figura histórica, é também e fundamentalmente uma experiência originária, crucial, essencial, que a razão, ao invés de descobrir, encobriu, ocultou, mascarou, dominou, embora não tenha destruído totalmente, por ela ter-se mostrado ameaçadora, perigosa. Assim como o primeiro livro de Nietzsche consiste na denúncia da racionalização, e portanto da morte, da tragédia, a partir da experiência trágica presente nos poetas gregos pré-socráticos, a primeira pesquisa arqueológica de Foucault é a interpretação, ou reinterpretação, da história da racionalização da loucura, a partir de seu confronto radical com uma experiência, ou uma estrutura trágica – constante, mais fundamental -, que permite denunciar como encobrimento esse “devir horizontal” que, em sua etapa moderna, define a loucura como doença mental.” (MACHADO, 2000, p. 26)

Podemos dizer que, com essa arquitetura histórica, Foucault formula *a perspectiva trágica da loucura*, próxima a Nietzsche (mas ainda distinto), que consiste, primeiramente, na *recusa da ação de saber sobre a loucura*. Essa perspectiva age, por outro lado, sobre os *saberes sobre a loucura*, fazendo sua crítica histórica, ou seja, se perguntando sobre as condições históricas que fizeram surgir tais saberes sobre a loucura. É essa perspectiva também que chegará a concluir, de modo não-psicológico e original, que *a loucura é a ausência de obra*.

“O que é então a loucura, em sua forma mais geral, porém mais concreta, para quem recusa, desde o início, todas as possibilidades de saber sobre ela? Nada mais, sem dúvida, do que *a ausência de obra*.” (FOUCAULT, 1961/2002, p. 156)

A loucura é lançada, pois, em uma série de conclusões para além ou aquém de prováveis atributos psicológicos ou de qualquer razão – nem mesmo a que se outorga louca. Nesse sentido, a loucura diz sobre o *limite* a partir do qual se ergue toda obra, como *aquilo que a obra recusa* para se afirmar na história. É dizer, similarmente, que toda obra recupera os precursores de sua verdade, *sua história*, a custo de um esquecimento originário, no limite em que ela se constitui. “A plenitude da história só é possível no espaço, vazio e povoado ao mesmo tempo, de todas essas palavras sem linguagem que fazem ouvir, a quem afinar a orelha, um barulho surdo debaixo da história, o murmúrio obstinado de uma linguagem que falaria *sozinha* – sem sujeito falante e sem interlocutor, comprimida sobre ela própria, atada à garganta, desmoronando antes de ter atingido qualquer formulação e retornando sem brilho ao

silêncio do qual jamais se desfez. Raiz calcinada de sentido.” (FOUCAULT, 1961/2002, p. 157)

A obra arqueológica posterior de Michel Foucault vai testemunhar uma inflexão, portanto, da psicologia para a literatura, para o espaço da obra e o seu ser de linguagem. A loucura terá sentido aí como ausência de obra, e não a partir de uma concepção de homem, ou seja, enquanto silêncio encerrado em si mesmo a partir do qual se ergue toda obra. No entanto, vamos deter nossa leitura nesses primeiros escritos de Foucault, cientes, ao mesmo tempo, das amplas consequências que ainda podem ser tiradas daí, agora, para além da psicologia e para além do homem.

Conclusão

Nossa conclusão só pode mais abrir problemas do que fechá-los. O próprio Foucault não é *a verdade*, mas *uma interpretação*, da qual pretendemos, *por aqui*, tirar proveito. Esse proveito se refere a uma interpretação sobre *o que é a psicologia* e em que sentido ela tem sido, necessariamente, ligada a uma *análise do homem*. Primeiro, vimos o projeto de Doença Mental e Personalidade (1954) no capítulo 1 e, depois, a Introdução a Sonho e Existência (1954) no capítulo 2. Por nós, psicólogos, tal como Foucault o foi nessas primeiras publicações, parariamos por aí, mas teríamos que *escolher um dos dois projetos*. Não sem trabalho de reflexão, porque os dois textos *fundamentam* muito bem uma ideia sobre o homem e uma prática clínica nesse sentido. Isso nos deu um primeiro espanto, por ser um único autor que publica dois projetos de psicologia diferentes e no mesmo ano. Mas continuamos a ler o autor do qual agora passa a jorrar uma *crítica feroz à psicologia: A Psicologia de 1850 a 1950 e A Pesquisa Científica e a Psicologia*, ambos de 1957, são provas disso. A dispersão das psicologias, entrevista pelo paradoxo dos textos de 1954, é um problema, mas que não vai se resolver por Michel Foucault a não ser levando a uma radicalização cada vez maior da história. Mas a história que Foucault encontra em *História da Loucura* (1961), com o qual apenas começamos a nos espantar, tem seus compromissos atados a um além do homem e, conseqüentemente, a um além da psicologia.

Primeiramente, vimos que, em *Doença Mental e Personalidade*, Foucault, por querer definir o que é doença mental, foi levado a uma crítica às psicopatologias, por via da metapatologia, ou seja, pela recusa do uso dos mesmos procedimentos da medicina orgânica pela psicologia e psiquiatria, em favor de uma ideia de homem concreto, encontrada em uma reflexão histórica que vê nas contradições sociais da sociedade burguesa as condições para a alienação mental e em Pavlov a explicação por que tal sujeito fica doente e outro não. Assim, o doente mental é um sistema nervoso no qual já não há equilíbrio entre as excitações e as inibições aos estímulos ambientes, enquanto o saudável é aquele que consegue diferenciar os estímulos ambientes e, conseqüentemente, agir conforme a estabilidade de seu sistema nervoso. A prática psicológica, nesse sentido, teria como objetivo a transformação do meio de

modo a eliminar as contradições sociais para que o sujeito encontre o equilíbrio das suas reações frente ao ambiente.

Depois vimos que *Introdução a Sonho e Existência* também está à cata do homem concreto, porém possui sua própria operação. Não se trata de adentrar o domínio das doenças mentais por aquela via mais científica, como em *Doença Mental e Personalidade*, que acha, por fim, Pavlov. O que motiva a análise agora é a forma que Binswanger trata *o sonho*, como experiência. Com isso, Foucault critica a psicanálise no seu registro de nascimento. Ela é acusada de pensar o sonho com os pressupostos do *homo natura*, que reduz a experiência onírica do homem a uma “rapsódia de imagens”. Por exemplo, quando Freud vê no sonho um modo sutil da expressão do desejo, que é organizado a partir de seu passado constitutivo e tenta, a partir do sonho, retornar a esse passado como uma chance terapêutica do sujeito, ele esvazia a experiência onírica de sua própria importância e, portanto, não pode ser eficaz na clínica. O sonho, na realidade, tal como Foucault aprende com a *daseinanalyse* de Binswanger, é uma experiência e, como tal, deve ser entendida, não como uma rapsódia de imagens, essa que é já a perspectiva da vigília que procura recordar o sonho e o colhe através de imagens; mas deve ser entendida como o próprio ato imaginativo, ou melhor dizendo, o sonho é o ato da imaginação. Sendo assim, a experiência onírica teria muito mais a ver com o modo que o sujeito projeta, anuncia seu futuro e, com isso, se constitui no devir, do que com um passado que repetiria o sujeito no presente. A clínica agora, não mais como psicologia, mas como antropologia existencial encontra sua tarefa, então, na restituição do sonho no seu próprio ato de imaginação e, conseqüentemente, do seu poder de destruição das imagens, nas quais, se fixando, o sujeito faz sua experiência inautêntica.

Que ambos os projetos, *Doença Mental e Personalidade* e *Introdução a Sonho e Existência* tenham sido publicados no mesmo ano e por um mesmo autor é digno de suspeita, mas que não diz de uma esquizofrenia do autor, cindido a ponto de pensar coisas contraditórias ao mesmo tempo. Nada sobre o autor. Se há uma cisão, é a da própria psicologia, levada sempre, no melhor dos casos, a pensar sobre o homem. É dessa forma que *Doença Mental e Personalidade* caminha rigorosamente até a crítica da sociedade burguesa e a reflexologia de Pavlov e que *Introdução a Sonho e Existência*, por sua vez, tece seus elogios a *daseinanalyse* de Binswanger. Em comum, há *uma visão sobre o homem*, o que viria a fundamentar uma prática psicológica. Nessa parte de sua obra, vemos, de fato, a face positiva do Foucault na psicologia, ou seja, quando ele defende uma perspectiva dentro da psicologia e não aquele Foucault conhecido pelos discursos futuros, contabilizados a partir de *História da*

Loucura, e não menos considerados pelas psicologias. E essa face positiva, que podemos dizer ser a primeira face de Foucault, é paradoxal. São dois homens diferentes os que aparecem nesses primeiros textos. Mas são *ainda homens*.

Nos textos de 1957, *A Psicologia de 1850 a 1950* e *A Pesquisa Científica e a Psicologia*, Foucault está envolto na amplitude do problema que é a dispersão da psicologia, como ciência e como prática. Como ciência, herdando as questões do Iluminismo Alemão, principalmente de Kant, a psicologia, a princípio, pretendeu se alinhar às ciências naturais, por serem elas o modelo de ciência, fazendo-a ver o homem como coextensivo ao mundo natural. Com Freud, há uma virada na psicologia, devido à importância dada às significações do homem, motivando os estudos psicológicos para o que há de próprio do homem e da sua relação social. Dessa forma, a psicologia vai se mostrar inevitavelmente *partida* e se partindo cada vez mais toda vez em que vê no homem um fenômeno psicológico, o qual as outras teorias não podem vê-lo, pois estão, de início, minadas por sua ilusão teórica. A prática psicológica, por sua vez, também encontra seus limites. Ela nunca se faz, por exemplo, por uma necessidade da sua própria ciência, como um experimento que procura confirmar as hipóteses da pesquisa⁸. A prática em psicologia parte de um domínio que não é o seu, a educação, o trabalho, os hospícios, para justificar suas contradições. É assim que Foucault chega a dizer, tanto nesses textos de 1957 quanto em *História da Loucura*, que a psicologia do normal é primeiramente psicologia do anormal, a psicologia da linguagem é primeiramente psicologia do afásico etc. Nesse caso, é por um esforço para dominar as contradições das práticas do homem consigo mesmo que a psicologia nasce.

Esse tom problematizador com relação à psicologia não é aliviado em momento algum. Pelo contrário, em *História da Loucura* ele encontra o seu ápice. Algo finalmente se junta no pensamento de Foucault: a dispersão das psicologias é o outro lado da razão antropológica presente em todos os seus projetos. O que motiva, portanto, todas as psicologias, segundo Foucault, é uma crítica do homem. No caso de *História da Loucura*, a psicologia é a crítica do homem em um dos pontos em que a fez nascer, mais especificamente na relação do homem com a loucura, na qual o homem moderno (o psicólogo, conseqüentemente) reconhece o louco como doente mental. Essa pesquisa fez com que Foucault, inclusive reeditasse *Doença Mental e Personalidade*, agora com o nome *Doença Mental e Psicologia* (1962), transformando a sua segunda parte em um resumo de *História da*

⁸ A não ser quando trabalha em laboratório e, aí, com animais indiferenciadamente.

Loucura, abandonando aquela teoria marxizante e pavloviana que tinha sido o estilo com que um dia o pensador francês empreendeu um de seus textos.

Essa mudança na obra do pensador francês e as consequências que se podem tirar daí para a psicologia e a análise do homem são tarefas que apenas esboçamos. A dispersão das psicologias está na ordem do dia – a formação generalista em psicologia comprova o fato – e ela ainda não se vê em vias de se resolver. Nem tínhamos pretendido resolvê-la aqui. Pelo contrário, se pudermos nos deter mais na obra de Foucault, veremos que a dispersão da psicologia é inevitável, pelo modo mesmo em que toda psicologia moderna pretende se fazer – por uma análise do homem. Foucault denominará isso, em uma entrevista de 1965, *Filosofia e Psicologia*, e que já havia sido esboçado em *História da Loucura*, de *sono antropológico*.

Desde *História da Loucura*, vê-se que os compromissos de Foucault não estão mais atados à psicologia. Se o autor fala dela, agora é para contestá-la, não para fundamentá-la. Os compromissos do autor são engendrados, nesse livro de 1961, a partir de uma perspectiva trágica da loucura, inspirada em certa leitura de Nietzsche. Essa perspectiva não propõe os verdadeiros atributos psicológicos da loucura e, por isso, a vê de forma muito diferente de uma doença mental, nem propõe uma prática psicológica mais coerente de acordo com a verdade do homem concreto. O *último homem*, tal como o povo pedia a Zarathustra no seu Prólogo, não nos é dado.

A *loucura*, no caso da perspectiva trágica de Foucault, se põe em relação à *obra*. A loucura é ausência de obra, ou seja, a loucura é aquilo a despeito da qual uma obra alcança sua verdade de obra. Nenhum atributo psicológico. A loucura é algo encerrado em si, o que lhe dá a face de alteridade absoluta frente à razão e a impossibilidade de ser apreendida por ela. Fazendo a história da loucura, fora permitido a Foucault ver o quanto a psicologia sacrificou dessa tragédia e dos saberes que a anunciavam, para chegar à verdade da loucura como doença mental, possibilitada pela razão antropológica. Esse é o trágico de Foucault, apenas entrevisto por nós, e que o fez abandonar a psicologia. Mas, ao mesmo tempo, ao negar esse abandono e aceitar a crítica foucaultiana à razão antropológica, a psicologia pode alcançar o novo, a ponto de não mais se reconhecer, e a sua ética, pela qual ela, no mínimo, deve zelar para ser válida, vai precisar, como desejamos a partir daqui, se atar a novos compromissos, que não aos do homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, M. (1954/1984) *Enfermedad Mental y Personalidad*. Buenos Aires: Paidós.
- FOUCAULT, M. (1954/2002) Introdução (in Biswanger). In *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise (Ditos e Escritos I)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, M. (1957/2002) A Psicologia de 1850 a 1950. In *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise (Ditos e Escritos I)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, M. (1957/2010) *A Pesquisa Científica e a Psicologia*. Trad. Marcio Luiz Miotto. Espaço Michel Foucault.
- FOUCAULT, M. (1961/2002) Prefácio (Folie et déraison). In *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise (Ditos e Escritos I)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, M. (1961/1972/2013) *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva.
- FOUCAULT, M. (1965/2002) Filosofia e Psicologia. In *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise (Ditos e Escritos I)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FIGUEIREDO, L. C. (1992) Convergências e divergências: a questão das correntes de pensamento em psicologia. *Transinformação*, 4 (1,2,3): 15-26, jan-dez.
- CANGUILHEM, G. (1973) O que é a psicologia? Trad. Maria da Glória Ribeiro da Silva In: *Tempo Brasileiro 30/31*, org. Carlos Henrique Escobar, jul-dez. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- THÁ, F. (2002) Psicologia(s): Singular ou Plural? Curitiba: PsicoUTPonline: Revista Eletrônica de Psicologia, n.1, out.
- FERREIRA, A. A. L. (2006) A psicologia no recurso aos vetos kantianos. In: *História da Psicologia: Rumos e Percursos*. Org. Jacó-Vilela, A. M. ET al. Rio de Janeiro: Nau Ed.
- GROS, F. (2001) Michel Foucault. In: *História da Filosofia*. Org. Pradeau, J. Editora Vozes.
- MACHERREY, P. (1985) Nas origens de História da Loucura: uma retificação e seus limites. In: *Recordar Foucault*. Org. Ribeiro, R. J. São Paulo: Brasiliense.
- MACHADO, R. (2000) *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar.